



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DO SERTÃO CENTRAL
CURSO DE HISTÓRIA/LICENCIATURA PLENA

KAIO BRENO BELIZARIO DE OLIVEIRA

**O TEMPO NA ONTOLOGIA DE LUKÁCS: APROXIMAÇÃO AOS ASPECTOS
ONTOLÓGICOS FUNDAMENTAIS**

QUIXADÁ – CEARÁ
2025

KAIO BRENO BELIZARIO DE OLIVEIRA

O TEMPO NA ONTOLOGIA DE LUKÁCS: APROXIMAÇÃO AOS ASPECTOS
ONTOLÓGICOS FUNDAMENTAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para à obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Deribaldo Gomes dos Santos

QUIXADÁ – CEARÁ

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo SidUECE, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Kaio Breno Belizario de

O tempo na ontologia de Lukács: aproximação aos aspectos
ontológicos fundamentais [recurso eletrônico] / Kaio Breno
Belizario de Oliveira. - 2025.
72 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade
Estadual do Ceará, Faculdade de Educação Ciências e Letras do
Sertão Central, Curso de História, Quixadá, 2025.

Orientação: Prof. Pós-Dr. Jose Deribaldo Gomes dos Santos.
1. Ontologia. 2. Ser social. 3. Tempo. 4. Teoria da
história. I. Título.

KAIO BRENO BELIZARIO DE OLIVEIRA

O TEMPO NA ONTOLOGIA DE LUKÁCS: APROXIMAÇÃO AOS ASPECTOS
ONTOLÓGICOS FUNDAMENTAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em História da
Faculdade de Educação, Ciências e Letras do
Sertão Central da Universidade Estadual do
Ceará, como requisito parcial para à obtenção
do grau de Licenciado em História.

Aprovada em: 21 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Deribaldo Gomes dos Santos
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Francisco Wilton Moreira dos Santos
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof. Dr. Bruno Gonçalves da Paixão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

À Larissa Brena (*in memoriam*), que devido aos processos irreversíveis, apenas intelectualmente reconstituo a doçura de seu ser.

AGRADECIMENTOS

Aos que direta e indiretamente contribuíram para a existência desse trabalho. Eu devo muito a vocês.

“Os automóveis na rua podem ser, gnosiologicamente, muito facilmente professados meras impressões dos sentidos, ideações, etc. Apesar disso: se eu passar à frente de um carro, não se produz uma colisão entre minha ideação de um carro e minha ideação de mim mesmo, mas sim meu ser como homem vivo é colocado ontologicamente em perigo por um carro existente.”

(Georg Lukács)

RESUMO

O último projeto de Lukács, a ontologia materialista, visa desenvolver uma concepção cuja base é historicista, que evita o relativismo e é sistemática sem ser infiel à história. O objetivo do presente estudo é o de demonstrar a relação entre trabalho, tempo, perspectivas revolucionárias, formação humana e história na *Ontologia* de Lukács, visando propiciar material para o público que se dedica à escrita e ao ensino de História. Optamos pela onto-metodologia materialista, uma vez que considera a realidade como guia para a consciência, à medida que fornece condições adequadas para sustentar a argumentação aqui existente. Os resultados evidenciam aspectos ontológicos fundamentais na definição e escrita da história. Colocamos a centralidade no trabalho para o tornar humano do ser humano. Tomando-o como modelo para a práxis social, o ligamos ao comportamento ético fincado materialidade pedestre que o professorado em geral deve desempenhar. Faz-se necessário pôr os seres humanos como demiurgos de sua própria história. Trata-se de aparato teórico em que o sujeito visualiza o ser humano sobre os seus próprios pés, sem elementos transcendentais. Com isso, podemos enunciar a possibilidade de superação do modo de produção vigente.

Palavras-chave: Ontologia; Ser social; Tempo; Teoria da história.

ABSTRACT

Lukács' last project, materialist ontology, aims to develop a conception whose basis is historicist that avoids relativism and is systematic without being unfaithful to history. The focus of this study is to demonstrate the interconnection between labor, time, revolutionary perspectives, human development and history in Lukács' Ontology, in order to provide guidelines for the public that is dedicated to writing and teaching History. The ontology materialist is chosen, whereas that reality as a guide for consciousness, as it supplies adequate conditions to support the present argumentation. The results evidence fundamental ontological aspects in the definition and writing of the history. Labor is the center of human becoming human being. In this sense, it as a model for social praxis, interconnected it to the teachers, professors and scientists ethical behavior must perform. It is appropriate point out the human beings like demiurges of their own history. These guidelines set the public in the position to visualize human being make himself, without transcendent elements. Therefore, enable historians and historians to sistematize theories to overcome the current mode of production.

Keywords: Ontology; Social being; Time; Theory of history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Produção acadêmica sobre ontologia de Lukács em nível de pós-graduação (dissertações e teses) por recorte temporal.....	21
Quadro 1 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 21-22) relacionados ao objeto de estudo	40
Quadro 2 – Excertos textuais de Lukács (2018, p. 36-37) concernentes aos contrastes do estudo	45
Quadro 3 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 40-45) que robustecem o objeto de estudo	47
Quadro 4 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 61-68) que se conectam com o objeto	51
Quadro 5 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 93) relacionados ao objeto estudado	58
Quadro 6 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 110-111) entrelaçados ao objeto de estudo	62
Quadro 7 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 113-114) concernentes a elementos aproximativos do devir e do porvir relacionados ao objeto de estudo.....	63
Quadro 8 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 115-116) relacionados ao objeto de estudo	64

LISTA DE ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
FCRS	Faculdade Católica Rainha do Sertão
FECLESC	Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central
FIES	Financiamento Estudantil
GEMESC	Grupo de Estudos Marx-Engels do Sertão Central
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IMO	Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário
JEPP	Jovens Empreendedores Primeiros Passos
LAPPS	Laboratório de Pesquisas sobre Políticas Sociais do Sertão Central
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
Unicatólica	Centro Universitário Católica de Quixadá

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ONTOLOGIA DE LUKÁCS: TRABALHO, PROCESSOS IRREVERSÍVEIS E HISTÓRIA	18
2.1	LUKÁCS: APROXIMAÇÕES SOBRE SUA VIDA, OBRA, PROJETO E DESDOBRAMENTOS DE ESTUDOS NO CONTEXTO BRASILEIRO	18
2.2	UMA TENTATIVA DE ATAR FIOS: A DEFINIÇÃO DE HISTÓRIA	25
2.3	A HISTÓRIA COMO CIÊNCIA FUNDAMENTAL	32
3	NOTAS APROXIMATIVAS AOS ASPECTOS ONTOLÓGICOS FUNDAMENTAIS DO TEMPO, HISTÓRIA E TRABALHO	39
3.1	ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O TRABALHO COMO POSIÇÃO TELEOLÓGICA.....	39
3.2	ALGUNS APONTAMENTOS CONCERNENTES AO TRABALHO COMO MODELO DA PRÁXIS SOCIAL.....	50
3.3	NOTAS ACERCA DA RELAÇÃO-SUJEITO-OBJETO NO TRABALHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	56
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

A nossa preocupação com a compreensão da categoria tempo aflora no âmbito da academia, sobretudo nas disciplinas sobre teoria da história. Isso não quer dizer que jamais tenhamos tentado pensar nela. As abstrações eram relacionadas com as demandas do cotidiano, por exemplo, em como aproveitar ao máximo o dia, conciliando trabalho e lazer. Diante disso, primeiramente apresentamos o rol de justificativas (pessoal, acadêmica, científica e social) para a realização do estudo.

Faremos percurso sumário de como a categoria passa do segundo para primeiro plano, tornando-se nosso objeto de estudo. Na infância, desde muito cedo trabalhamos em diversificadas funções (salgando couro, pelando porco e limpando vísceras de animais, na agricultura, na construção como servente de pedreiro etc.), comprávamos o tempo na locadora do Francisco, ou para jogar *videogame* ou acessar o *Orkut*, meia hora custava R\$ 0,50 e uma hora, R\$ 1. Quantas horas gastamos jogando *Midnight Club*. Alguns anos depois, jogando *Tibia*.

Na adolescência, precisamos articular trabalho, estudos e lazer. A novidade é que a parte de lazer virou fonte de renda. Continuamos na agricultura, criação tradicional de porcos e frequentando a escola. Entretanto, tínhamos um computador de mesa, em que jogamos *Tibia*. Alguns colegas solicitavam que subíssemos seus avatares de nível – “Chás” como eram chamados –, que pagariam. Esse “serviço” era cobrado por hora. O cálculo era R\$ 1 por hora multiplicada pelos dias da semana. Pago semanalmente.

No momento de realização do ensino médio, iniciamos um curso técnico de auxiliar administrativo, ligado à Iniciação Profissional Primeiro Passo, em que a empresa nos escolhia para a atuação em algum de seus setores. Atuamos no Hospital e Maternidade Jesus Maria José, que faz parte da Diocese de Quixadá. No decorrer do estágio ficamos sabendo da possibilidade de, em caso de aprovação, sair dessa etapa da Educação Básica.¹

O atual Centro Universitário Católica de Quixadá (Unicatólica)² também é ligado a tal instituição. Tanto o Hospital e Maternidade quanto o Unicatólica são instituições privadas. O vestibular para essa última foi realizado em 2014. Houve aprovação no vestibular e no teste de nível para o ingresso no curso de licenciatura em Educação Física.³

¹ Desistimos de estudar por duas vezes, para focar no trabalho: uma no ensino fundamental e outra no começo do ensino médio. Por isso, éramos um caso de distorção idade-série.

² À época se chamava Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS).

³ A escolha do curso se deu por indicação de uma pessoa que tinha finalizado o curso de Educação Física na instituição. Ela comentou que era um curso que poderia ser feito em pouco tempo, com mensalidade baixa.

No curso de licenciatura em Educação Física⁴, entrelaçamos monitoria, escrita de artigos, capítulos de livros, resumos, participação em eventos com as disciplinas e os grupos de estudos e pesquisa. Passamos a nos dedicar somente aos estudos, que se tratam do carro-chefe até a conclusão do Mestrado Acadêmico em Educação. Nosso tempo teve a ver com planejar metas e cumprir prazos. Um período que abarcou de 2014 a 2020.

A inserção no chão da escola, exercício da profissão como professor de Educação Física e Matemática (6º ano) dos anos finais do ensino fundamental. Planejar aulas, ministrar aulas para os dois componentes curriculares. Atuar nos Programas INTELigentes, que trabalha com as habilidades socioemocionais, e Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), o nome já traduz o viés a ser adotado. Nossa atuação foi em uma escola de campo, de Tempo Integral, no distrito de Califórnia, no município de Quixadá. Por causa disso, era necessário o deslocamento da sede todos os dias.

Desde a entrada no curso de Educação Física havia o desejo de realizar uma nova graduação, a opção era em Pedagogia. Durante o mestrado surgiu o interesse em uma segunda opção, o curso de História. Juntamente com toda a demanda do chão da escola, resolvemos iniciar aquele desejo. Optamos pelo curso de História, no intuito de ampliarmos nossa visão de mundo pela via de uma expansão da formação.⁵ Saíamos da escola direto para a Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). Portanto, tínhamos que lidar com o tempo de todas as formas possíveis.

Já no curso de História, começamos a participar do Grupo de Estudos Marx-Engels do Sertão Central (GEMESC) no ano de 2023, com mediação de Antonio Nascimento da Silva, Karollyne Dantas Barbosa e Layslândia de Souza Santos. O grupo faz parte das atividades do Laboratório de Pesquisas sobre Políticas Sociais do Sertão Central (LAPPS), coordenado pelo professor José Deribaldo Gomes dos Santos. Em um dos encontros foi mencionada a *Para a Ontologia do Ser Social* (Lukács, 2018a, 2018b), a *Ontologia* de Lukács. A partir de então é iniciada nossa trajetória com o estudo da obra, que desembocou no atual objeto de pesquisa.

A partir de uma busca no *site* do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), nas turmas de 2013 a 2020, observamos que duas teses mencionam a categoria de “tempo de trabalho socialmente necessário”, sendo elas: Lopes

⁴ O dinheiro do Primeiro Passo era utilizado para pagar a mensalidade. Os familiares ajudam no que podiam. No entanto, quando conseguimos financiamento estudantil (FIES), decidimos pedir desligamento do curso de auxiliar administrativo para se concentrar somente aos estudos. Tínhamos conseguido passar para ser monitor da disciplina *Metodologia do Trabalho Científico*, que pagava R\$ 150 mensal.

⁵ É válido apontar que a influência da obra de Dermeval Saviani e de Paulo Freire deram uma decidida ajuda em nossa decisão. Relemos, por exemplo, a Pedagogia da autonomia, do oprimido no trajeto para o distrito de atuação na educação básica. Em casa, relemos a História das ideias pedagógicas no Brasil e Escola e democracia.

(2018) e Sobral (2021). Além disso, uma tese, de Belmino (2020), destaca as promessas do sistema capitalista sobre a redução do tempo de trabalho, promovendo o aumento do tempo de ócio. Diante desse quadro, fica patente a necessidade de uma pesquisa sobre o tempo na *Ontologia* de Lukács, especialmente a categoria de tempo.

É válido reforçar a centralidade da ideia de que os seres humanos fazem sua própria história. No entanto, como destacam Marx e Engels (2007), essa construção não ocorre de forma livre e espontânea, pois os indivíduos não escolhem as circunstâncias em que vivem, mas as recebem como herança histórica, moldadas pelas condições materiais preexistentes. Ademais, para “fazer história”, os seres humanos precisam, antes de tudo, estar em condições de viver, evidenciando a relação intrínseca entre as condições materiais de existência e a possibilidade de ação histórica. Nesse contexto, o modo de produção vigente, atravessado por sua crise estrutural (Mészáros, 2011), estabelece barreiras ao início de uma história autenticamente humana e emancipada, uma vez que, até o presente, conforme Marx e Engels (2012) “a história de toda sociedade é a história das lutas de classes”.⁶

Pretendemos articular uma definição preliminar do que é história dada em uma entrevista com o último esforço intelectual de Lukács, o conjunto de escritos que é comumente denominado *Ontologia* de Lukács (Lessa, 2016a), especialmente os fundamentos ontológicos relacionados ao tempo.

Longe da tentativa de enquadrar e, conseqüentemente, divisar a complexidade da obra de Lukács, realçamos que esse pensador marxista, juntamente com Korsch, Gramsci e Mészáros, faz parte do que se chama, por Lessa (2021) numa série de ensaios, de marxismo ontológico. Ou seja, com base no que diz o pensador brasileiro, encontram-se, em Gramsci, referências à esfera ontológica de Marx; porém, é com Lukács que, pela primeira vez no marxismo, há explicitação e detalhamento dos aspectos decisivos da reflexão ontológica.

A questão central que norteia este estudo é: como o tempo é exposto no capítulo “Trabalho”, na obra *Para a ontologia do ser social*, de Lukács, especialmente em relação ao conceito de história e à esfera da reprodução do ser social? Desdobramos essa indagação em outras questões que precisam ser respondidas para uma compreensão mais ampla do tema: Quais são as tessituras, no capítulo “Trabalho” da *Ontologia* de Lukács, acerca de tempo/história? Como identificar os caracteres ontológicos, segundo Lukács, do tempo/história em diferentes fontes? Por quais aspectos se torna possível conceber as balizas revolucionárias concernente ao tempo em um dos capítulos da *Ontologia* de Lukács?

⁶ Vale conferir a nota 2 (página 62) da versão do *Manifesto* utilizada nesse projeto.

Acreditamos que no campo da formação de professores e do público que lida com as bases da história, esse chão permite a compreensão, interpretação e uma prática que coloca os seres humanos como fazedores de seu próprio caminho histórico, mesmo com um *quantum* de não-escolhas, em um processo irreversível; todavia, esse progresso não exclui certos retrocessos, isto é, o capitalismo, em crise estrutural, refere-se a mais um desses momentos de retrocesso no desenvolvimento ascendente do gênero humano.

A temporalidade do desenvolvimento das forças produtivas, bem como das relações de produções baseadas no sistema do capital, necessita de um correto apreender, que acreditamos ser o ontológico, pois qualquer ramo da ciência (humana) que dificulte a compreensão do modo de sociabilidade vigente como superável, conduz a humanidade para o progresso no retrocesso, ou seja, para o seu possível extermínio.⁷

Nosso objetivo principal é compreender a articulação entre tempo, trabalho, perspectivas revolucionárias e formação humana contidas no capítulo “Trabalho” da obra *Para a ontologia do ser social*, de Lukács. Os secundários são: a) analisar a concepção de Lukács sobre a categoria tempo/história em diferentes fontes (entrevistas, texto para conferência), com enfoque especial no capítulo “Trabalho”, de *Para a ontologia do ser social*, b) Evidenciar como o tempo é estruturado nas dinâmicas sociais e históricas no capítulo “Trabalho”, de *Para a ontologia do ser social*.

O estudo se caracteriza como teórico-bibliográfico (Marconi; Lakatos, 2003), na medida em que utiliza livros escritos por Lukács e comentadores da obra do autor, possíveis artigos e trabalhos acadêmicos sobre a temática tempo, assim como entrevistas concedidas pelo filósofo húngaro.

Pautados pela materialidade, tendo em mente que é o objeto que conduz o sujeito, e não o contrário. Portanto, busca-se reproduzir o movimento real no plano ideal (Tonet, 2018); a prioridade está no objeto. Por isso, a orientação essencial do pensamento de Marx era de natureza ontológica e não epistemológica (Paulo Netto, 2011).

Adotamos como técnica de pesquisa a leitura imanente, nos seguintes passos: 1) preparação do espírito, evitar os elementos distratores; 2) descobrir e anotar o conteúdo de cada parágrafo, bem como as relações entre eles; 3) preparação da próxima sessão de estudo; e 4) momentos dos resumos (Lessa, 2014). Precisamos enfrentar o desafio fundamental durante o processo de estudo: “[...] impedir que, na leitura, predomine a nossa subjetividade ao invés do

⁷ Mesmo que o presente projeto esteja vinculado as ideias de progresso de Lukács, a “Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?”, de Fisher (2020), é um interessante exemplo sobre as formas de consciência prevalecentes no estágio atual do capitalismo.

conteúdo do texto.” (Lessa, 2014, p. 67). Reconhecemos que a leitura imanente é uma técnica que busca colocar a subjetividade sob “controle”.

A análise imanente também foi usada para pôr em relevo três níveis do texto: 1) caráter direto e explícito, “[...] o que está escrito na letra gravada do texto, as afirmações, negações, interrogações que o autor colocar com sua própria caneta.” (Gianna, 2021, p. 18); 2) diálogos implícitos, “[...] sustentados com o apoio de outras obras e pensadores [...]” (Gianna, 2021, p. 18); e 3) “[...] os silêncios e elementos não ditos, princípios de contradição e ambiguidades existentes em todos os textos.” (Gianna, 2021, p. 18).

Podemos dizer que o caminho percorrido, segundo o que Santos (2022, 2023, 2024) denomina, no momento de explicação da metodologia, de Onto-metodologia materialista, se valeu dessa forma organizativa e expositiva, na qual o objeto real sempre é o seu guia. Dessa forma, além dessa introdução, o texto está dividido em “2 Ontologia materialista de Lukács: trabalho, processos irreversíveis e história”; “2.1 Lukács: aproximações sobre sua vida, obra, projeto e desdobramentos de estudos no contexto brasileiro”; “2.2 Uma tentativa de atar fios: a definição de história”; e “2.3 A história como ciência fundamental”. “3 Notas aproximativas aos aspectos ontológicos fundamentais do tempo, história e trabalho”; “3.1 O trabalho como posição teleológica: algumas palavras”; “3.2 O trabalho como modelo da práxis social: alguns apontamentos”; e “3.3 A relação-objeto-sujeito no trabalho e suas consequências”; e “considerações finais”.

2 ONTOLOGIA DE LUKÁCS: TRABALHO, PROCESSOS IRREVERSÍVEIS E HISTÓRIA

Serão abordados nos próximos tópicos os aspectos necessários para uma definição de história. Iniciamos com a exploração do contexto geral que fornecerá os elementos para o que conhecemos como a *Ontologia* de Lukács; avançamos para notas aproximativas da conceituação; e, por último, apontamos como a história é uma ciência fundamental. Diante de tal percurso, teremos uma base sólida para prosseguir com a análise do objeto de estudo.

2.1 Lukács: aproximações sobre sua vida, obra, projeto e desdobramentos de estudos no contexto brasileiro

Adotamos a periodização realizada por Paulo Netto (1981) sobre a trajetória de Lukács: a) período neokantiano (1907-1914); b) período pré-marxista (1914-1918) e c) período marxista (1919-1971). Aqui, existem cinco fases: 1ª fase (1919-1923); 2ª fase (1924-1933); 3ª fase (1933-1945); 4ª fase (1945-1956) e 5ª fase (1956-1971). O período que começa a partir da década de 1930 se refere à maturidade do autor (Vaisman, 2007) e a última fase concerne às escritas da *Estética* e da *Ontologia*.

Após a conclusão de *Estética*, obra finalizada em 1960 e publicada em 1963, o filósofo húngaro direcionou seus esforços, ainda que não de imediato, para a elaboração da *Ética*. Nesse processo, com o objetivo de conferir à obra um tratamento histórico-sistemático, ele se viu obrigado a estabelecer, prioritariamente, a determinação histórico-concreta do modo de ser e de reprodução do ser social. Sem essa fundamentação introdutória, que consistia em uma ontologia do ser social (*Ontologia*), a elaboração da *Ética* seria inviável. Foi nesse contexto que surgiu a *Ontologia*, provavelmente concluída por volta de 1968, embora não tenha recebido os acabamentos necessários para publicação naquele momento da finalização da obra (Paulo Netto, 2012).

No entanto, a escrita de uma *Ética* desde cedo se manifestou como projeto intelectual de Lukács, pelo menos desde a década de 1950. Esse esforço durará até o final de sua vida. Todavia, essa obra, que já incluía uma *Estética* e uma *Ontologia do ser social*, jamais foi concluída. Mesmo assim, podemos encontrar alguns delineamentos dos caracteres do pensamento do filósofo sobre *Ética* em diferentes ocasiões, tais como em *A pobreza de espírito*, *Notas sobre Dostoiévski* e na *Estética*. Porém, somente nas *Notas sobre a ética* é que

visualizamos os sinais tangíveis da preparação do terreno para a execução do seu projeto (Tertulian, 2010).

O último esforço intelectual do filósofo magiar contraria as tendências filosóficas vigentes no contexto histórico em que ele vivia; renova as críticas à herança ideológica do stalinismo; batalha contra o irracionalismo e abre uma nova frente de luta, tendo por alvo o neopositivismo. Ocasão em que dedica, já octogenário, mais de 10 horas diárias para a construção da *Ontologia*. Diante do incansável dispêndio de tempo e energia de Lukács, não apenas para a conclusão dessa obra, mas também em suas diversas empreitadas intelectuais, Paulo Netto (1983) o denomina como “Guerreiro Sem Repouso”, destacando sua dedicação frente aos desafios teóricos e políticos de sua época.

Na introdução de *Mundo dos homens*, Lessa (2016a), ao abordar aspectos do debate sobre a última obra de Lukács, fornece elementos relevantes sobre os motivos que o levaram ao adiamento da publicação de *Ontologia*. O autor brasileiro aponta que a postergação decorreu de problemas relacionados à forma e à apresentação da obra, sem que isso afetasse suas concepções de fundo, que permaneceram decisivas. O comentador da obra de Lukács busca demonstrar esses elementos, por exemplo, ao citar as “ontologias mistas” e os *Prolegômenos a uma ontologia do ser social* (*Prolegômenos*), os quais atuam como uma reafirmação da *Ontologia*. Isso porque o texto dos *Prolegômenos* sistematiza uma teoria geral das categorias que fundamenta, explicita e consolida a obra anterior.

Percebemos que primeiro o autor de Budapeste fez: 1) uma parte que procura visualizar a situação atual do problema ontológico, chamada de “histórica”; e 2) exposição dos nexos ontológicos fundamentais do ser social enquanto esfera específica de ser, que é subdividida em quatro capítulos (“O trabalho”, “A reprodução”, “A ideologia” e “A alienação”), a parte “sistemática”. Depois, escreveu os *Prolegômenos*. Vale dizer que somente o capítulo da parte histórica dedicado a Hegel recebeu uma redação definitiva por Lukács e foi publicado antes de seu falecimento, pela *Luchterhand Verlag*, Neuwied, em 1971 e em 1979 no Brasil, saiu pela editora Ciências Humanas, traduzido por Carlos Nelson Coutinho. É importante realçar esse movimento porque capta a dinâmica de produção da obra, como também as configurações dela que pode chegar a ser organizada em formatos diversos para os diferentes públicos ao redor do mundo (Lessa, 2016a).

O projeto de escrita da *Ética* permaneceu inacabado devido ao falecimento de Lukács em 4 de junho de 1971, em decorrência de um câncer. Não obstante, ele deixou os manuscritos das *Notas para uma ética*, da *Ontologia* e dos *Prolegômenos*. Em 1976 (Volume I) e 1981 (Volume II) foi publicada a tradução italiana da chamada *Ontologia* de Lukács,

traduzida por Alberto Scarponi. Em 1984 e 1986, Frank Benseler editou a *Ontologia* e os *Prolegômenos* pela *Luchterhand Verlag* como os volumes 13 e 14 das Obras de Lukács, ou seja, a publicação alemã. Os Prolegômenos foram traduzidos para o italiano em 1990 (Lessa, 2018). O público brasileiro dispunha de duas traduções – *A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel* e *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx* –, realizadas por Carlos Nelson Coutinho no final da década de 1970, além da tradução de fragmentos dos manuscritos feita por Leandro Konder, publicada no início da década de 1980.

Nos muros da academia, na década de 1970, José Chasin começou a ministrar aulas centradas nos aspectos ontológicos abordados pelo filósofo húngaro. Entretanto, foi apenas na década de 1980 que ele passou a orientar pesquisas dedicadas especificamente à *Ontologia*. Dentre esses trabalhos, apontamos dois: 1) *A ideologia na Ontologia de G. Lukács*, de Ester Vaisman, desenvolvida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 1983-1986); e 2) *Sociabilidade e individuação: a categoria da reprodução na ontologia de G. Lukács*, de Sergio Lessa, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 1987-1990). Além disso, em 1994, Lessa defendeu a tese de doutorado intitulada *A centralidade do trabalho na ontologia de Lukács*, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, sob a orientação de Ricardo Antunes). Esse trabalho representa um dos esforços iniciais de produção acadêmica dedicados à última grande empreitada intelectual de Lukács.

Apenas em 2013⁸ é que o público brasileiro teve uma tradução completa da obra. As obras publicadas pela Boitempo Editorial foram: *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível* (2010a, com tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento), *Para uma ontologia do ser social I* (2012, traduzido por Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélío Schneider) e *Para uma ontologia do ser social II* (2013, Nélío Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes são os tradutores). Como se vê, três livros separados. Em 2018, uma nova versão bilíngue foi lançada pelo Coletivo Veredas, permanecendo fiel à publicação original, com volumes e paginação idênticos à versão alemã, ou seja, seguindo a estrutura semelhante daquela organizada por Frank Benseler: Volume 13, *Prolegômenos* e parte histórica da *Ontologia*; Volume 14, *Para a ontologia do ser social*, a parte sistemática da obra. Ambos os volumes foram traduzidos por Sérgio Lessa.⁹

Esse excuro se mostra oportuno para ligar os elementos mencionados anteriormente e o movimento que conecta o presente estudo aos demais que vem sendo desenvolvido em solo brasileiro, especialmente no âmbito da pós-graduação. Por isso, foi

⁸ É oportuno dizer que existia no Brasil um movimento de tradução artesanal de partes da *Ontologia* de Lukács.

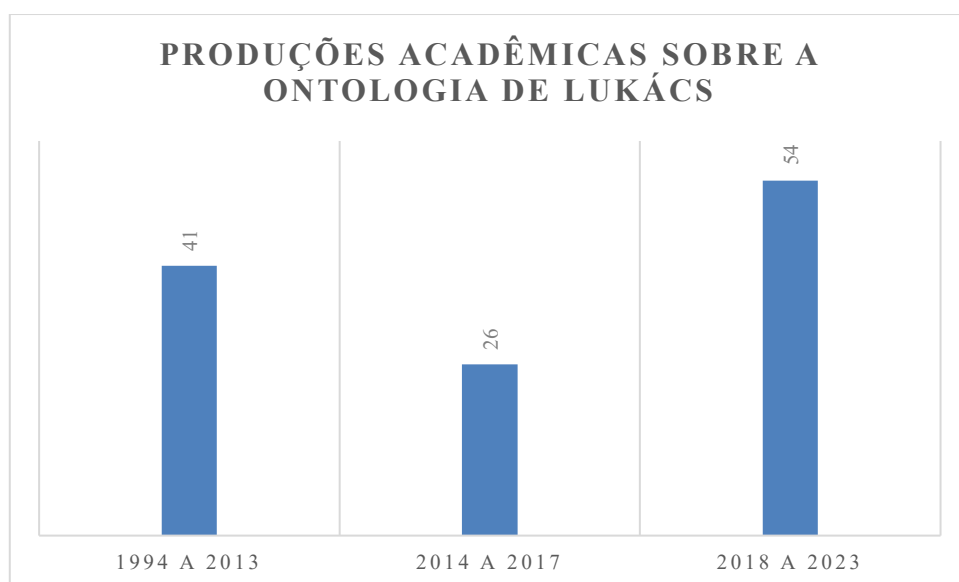
⁹ O Coletivo Veredas lançou uma 2ª edição em 2024.

possível identificar três contextos distintos para o estudo da *Ontologia*. O primeiro abrange o período anterior a 2013, quando ainda não havia uma tradução completa da obra para o português. O segundo contexto compreende o intervalo entre 2013 e 2017, marcado pela publicação dos três volumes que compõem a obra completa, Boitempo. Por fim, o terceiro contexto é iniciado em 2018, com a disponibilização de uma versão bilíngue da *Ontologia*, realizada pelo Coletivo Veredas.

Com o intuito de mapear os estudos nos níveis de mestrado e doutorado, utilizamos as palavras “Ontologia” e “Lukács”, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foi possível encontrar 130 trabalhos. Filtramos por: a) título do trabalho; b) nome do autor; c) ano de conclusão; d) instituição; e) tipo de trabalho (Dissertação ou Tese); f) ramo do programa de pós-graduação; g) banca examinadora (pelo menos o nome da pessoa que orientou a investigação). A partir disso, constituímos um acervo de 121 trabalhos: 67 dissertações e 54 teses; em aproximadamente 27 instituições e 30 programas de pós-graduação diferentes, entre 1994 e 2023.

Foi possível perceber que houve oscilação na quantidade de trabalhos acadêmicos produzidos entre 1994 e 2023: até 2013 foram 41, 26 entre 2014 e 2017, e 54 de 2018 a 2023. Sendo que a maioria dos trabalhos acadêmicos são desenvolvidos em pesquisas de mestrado, 23 no primeiro período, 14 no segundo e 30 no terceiro. Ver gráfico 1 para notar o movimento de desenvolvimento de estudos sobre a temática.

Gráfico 1 – Produção acadêmica sobre ontologia de Lukács em nível de pós-graduação (dissertações e teses) por recorte temporal



Fonte: Elaborado pelo autor.

Anteriormente se comentou que Chasin orientou duas dissertações tendo como objeto a *Ontologia* de Lukács, contudo, essas pesquisas não aparecem nessa base. Aqui, disposto cronologicamente, o primeiro estudo é a tese de Lessa (1994). Todavia, ela foi orientada por Ricardo Antunes. Nem a dissertação nem a tese de Vaisman aparecem no acervo. Destarte, essa pensadora (além de diversas outras pessoas) se envolverá com a tradução da versão publicada pela Boitempo; aquele investigador, com a da Coletivo Veredas.

Nesse conjunto de pesquisas, realçamos aquelas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Educação no Ceará. Esses trabalhos estão vinculados ao contato de Susana Vasconcelos Jimenez com a obra do filósofo húngaro. Na década de 1990, durante a realização de seu estágio pós-doutoral na UNICAMP, sob a supervisão de Dermeval Saviani, a pesquisadora, que coordenava o Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO), estabeleceu diálogos com Ricardo Antunes. Ele, por sua vez, sugeriu leituras introdutórias sobre a problemática ontológica (Teixeira, 2024).

Também por recomendação de Antunes, Susana Jimenez participou de um seminário no qual José Chasin proferiu uma palestra, ocasião que possibilitou a compreensão dos aspectos gerais da *Ontologia*. O aprofundamento desse estudo ocorreu após seu pós-doutorado, em parceria com o professor Ozir Tesser, no âmbito da linha Trabalho e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Nesse contexto, foram realizados estudos de capítulos da obra, ainda na versão italiana, bem como de traduções para o português, com o auxílio de Ivo Tonet e Marteara Ferreira de Lima (Teixeira, 2024). Entre os anos de 1995 e 1996, Ozir, Susana e alguns outros se organizaram para participar de um evento que reuniu três importantes estudiosos internacionais da vida intelectual de Lukács: István Mészáros, Nicolas Tertulian e Guido Oldrini. Nesse mote, a “caravana” cearense convida-os para irem a Fortaleza; o que ocorre com êxito. Não obstante, colhe-se também a colaboração com Lessa, que passa a ministrar seminários sobre a *Ontologia* de Lukács no Ceará (Teixeira, 2024).

Em solo cearense, desenvolveu-se a chamada “Escola de Fortaleza”, que, entre diversas temáticas, dedicou-se ao estudo da educação sob o plano da *Ontologia*. A produção intelectual da primeira geração dessa escola está ligada às produções de Susana. Já a segunda diz respeito às pesquisas desenvolvidas pelos orientandos e orientandas daquela pensadora, entre os quais está incluído o professor Deribaldo Santos, da FECLESC (Teixeira, 2024).

O último professor citado é especialista na *Estética* de Lukács. Tal fato pode ser observado pelos seus escritos: *A particularidade na estética de Lukács*, de 2017; *Estética em*

Lukács: a criação de um mundo para chamar de seu, de 2018; *A ética na grande estética de Lukács*, de 2021; *Princípios básicos da grande estética de Lukács*, de 2023.¹⁰ Entretanto, bebe da *Ontologia*, na medida em que estuda a obra, mas, especialmente, da articulação que faz da dualidade da educação (em sentido amplo/lato e *stricto*) e da dicotomia nas pesquisas sobre Educação Profissional.¹¹

Vários são os estudos orientados a partir das especialidades do estudioso de Lukács. Porém, a título de exemplo, menciona-se aqueles que fazem articulação entre educação e ontologia: *Um estudo ontomaterialista sobre a função social das escolas estaduais de educação profissional do Ceará*, de Belmino (2020); *A natureza onto-histórica do princípio educativo: uma análise com base nas contribuições de Gramsci e Lukács*, de Sobral (2021), dentre outras orientações.

Assim sendo, conectamos desde o projeto inicial de Lukács até a autoria do presente trabalho. Evidentemente algumas mediações ficaram à margem do fio condutor, uma vez que o objeto ditou o caminho a ser seguido. A prioridade está no objeto, isto é, ele que conduz o sujeito e não o contrário. Nesse sentido, busca-se reproduzir o movimento real no plano ideal. Por isso, o plano ontológico é fulcral tanto para Marx quanto para Lukács, pois seus pensamentos são de natureza ontológica e não somente epistemológica/gnosiológica (Paulo Netto, 2011; Tonet, 2018; Santos, 2022).

Em tom irônico, Lukács sintetiza de modo acertado o tal movimento: “Os automóveis na rua podem ser, gnosiologicamente, muito facilmente professados meras impressões dos sentidos, ideações etc.” (Lukács, 2018a, p. 11). A ação do sujeito não é negada. Ele continua: “[...] se eu passar à frente de um carro, não se produz uma colisão entre minha ideação de um carro e minha ideação de mim mesmo, mas sim meu ser como homem vivo é colocado ontologicamente em perigo por um carro existente.” (Lukács, 2018a, p. 11). Sobrepor a subjetividade a realidade é o problema da equação.

Santos (2023), o comentador da *Estética*, explicita a categoria que dá liga a oposição entre ser e consciência, entre objeto e sujeito, entre ideia e matéria: o reflexo. O conhecimento é possibilitado por essas oposições, em que a categoria mencionada aparece como elo da síntese contraditória, ou seja, o que proporciona a mediação entre o mundo e a

¹⁰ É salutar salientar que o estudo do pesquisador brasileiro sobre a Estética de Lukács se refere a única da linha do Equador para baixo.

¹¹ Ver *Educação e precarização profissionalizante: crítica à integração da escola com o mercado*, de 2017; *Educação profissional: crise e precarização*, de 2019; *Escolas Estaduais de Educação Profissional no Estado do Ceará: entre o discurso e a realidade*, de 2023; *Educação profissional no Brasil do século XXI: políticas, críticas e perspectivas*, volume 3, capítulo “Dualidade e dicotomia educativa na escola classista”, de 2024.

consciência subjetiva. O pensador situa a dupla peculiaridade do reflexo: “por um lado, ele existe em oposição a qualquer ser, pois, por ser exatamente um reflexo (um elo de síntese), não pode existir enquanto ser” (Santos, 2023, p. 32). E finaliza: “por outro lado, embora corroborando com o primeiro momento, o reflexo é a mediação pela qual se constituem novas objetividades no próprio ser social” (Santos, 2023, p. 33).

Após aproximadamente uma década de intensa dedicação e mais de um decênio de esforço intelectual para compreender a questão, Lukács (2010b) afirma que o caráter total e unitário da dialética materialista adquiriu concreticidade para ele. Mas faz a ressalva de que, na sua quadra histórica, os estudos sobre o marxismo estavam apenas começando.

Nessa vertente, apontou:

[...] quem tiver a ilusão de ter compreendido, de uma vez por todas, os fenômenos da natureza e da sociedade, baseado num conhecimento, por mais vasto e profundo que seja, do materialismo dialético, terá necessariamente se deslocado da dialética viva para a rigidez mecânica, do materialismo abrangente para a unilateralidade do idealismo. (Lukács, 2010b, p. 15).

Ele continua: “O materialismo dialético, a doutrina de Marx, deve ser conquistada a cada dia, assimilada a cada hora, a partir da práxis.” (Lukács, 2010b, p. 15). Prossegue: “Por outro lado, a doutrina de Marx, em sua inatacável unidade e totalidade, constitui a arma para a condução da prática, para o domínio dos fenômenos e de suas leis.” (Lukács, 2010b, p. 15). Finaliza: “Se dessa totalidade for destacado (ou apenas subestimado) um só elemento constitutivo, teremos de novo a rigidez e a unilateralidade. Basta que se perca a relação dos momentos uns com os outros, e lá se vai o chão da dialética marxista sobre o qual apoiamos os pés.” (Lukács, 2010b, p. 15). Esses comentários foram escritos em 1933.

No *Postscriptum*, de 1957, após expor as fragilidades causadas por Stalin¹² e as severas dificuldades enfrentadas pela vida científica naquele período histórico, especialmente nas áreas da economia política e da filosofia, Lukács (2010b, p. 20) destaca que “[...] o dogmatismo, no seu evidente subjetivismo, era contra todo aprofundamento do objeto, contra toda generalização que partisse deste objeto”. À guisa de comentário final, por uma ciência marxista universal, ele realça: “Desde seu surgimento, o movimento operário revolucionário teve de superar os mais diversos descaminhos ideológicos; até agora conseguiu superá-los e

¹² Lukács esteve na União Soviética (URSS) 1930-1931. Nessa oportunidade conhece os Manuscritos econômico-filosóficos, de Marx, no original, momento em que trabalhava no Instituto Marx-Engels. Depois disso, passa a viver em Berlim. Porém, em 1933 regressa a Moscou. Em 1941, é preso pela polícia política stalinista, que tentava extrair uma confissão de que, nos anos vinte, ele tinha sido “agente trotskista”; passados alguns meses, é liberado devido à intervenção de G. Dimitrov. Em 1945, no mês de agosto, regressa a Budapeste. Cf. Paulo Netto (1981).

estou convencido de que o mesmo ocorrerá no futuro.” (Lukács, 2010b, p. 20). O filósofo húngaro salienta que ainda hoje (final da década de 1950) existem diversos obstáculos neste caminho, mas que: “A história julgará qual o valor objetivo da minha contribuição para esta obra.” (Lukács, 2010b, p. 20).

É sobre esse chão que a Onto-metodologia materialista se ancora. Observamos como Santos (2024, p. 74), ao debater a dualidade e dicotomia educativa na escola classista, explicita o entendimento sobre esse método: “Debate que será apresentado nas linhas a seguir, apreendido, por sua vez, sob iluminação da onto-metodologia materialista; haja vista que considerar a realidade como guia para a consciência dota a exposição de condições adequadas para sustentar seus argumentos.”

Nesse tópico percorremos os momentos iniciais do projeto do último Lukács, que desembocou na *Ontologia*; a difusão dessa obra pelo mundo, com enfoque no público brasileiro, a partir das diversas traduções; primeiras orientações de pesquisas acadêmicas; composição de acervo a partir da BDTD; o papel da escola de Fortaleza para os estudos da obra; o pesquisador no Sertão Central nordestino que tem orientado pesquisas sobre a *Ontologia*; e, o suporte metodológico que conduziu a sua exposição, bem como servirá de “guia” para os próximos, isto é, a realidade.

2.2 Uma tentativa de atar fios: a definição de história

Pretendemos atar certos fios para uma conceituação de história a partir de variadas exposições realizadas por Lukács, especificamente em entrevistas e texto para conferência. Esse movimento permite preparar o terreno para a análise do capítulo “Trabalho” da *Ontologia*, que é o nosso foco principal.

Em entrevista concedida a Leandro Konder, em 1969, publicada no Jornal do Brasil, Lukács, ao ser perguntado sobre a sua *Estética*, responde que outro trabalho o absorvia, uma introdução à *Ética*, a *Ontologia*. O motivo diz respeito ao desenvolvimento de categorias que consigam abarcar a realidade do real; forneça elementos para que os marxistas aprofundem a crítica das posições existencialistas e das posições neopositivistas (Lukács, 1978). Nesse contexto, Lukács (1978, p. 22) salienta que: “Devemos desenvolver uma ontologia marxista capaz de determinar mais concretamente a unidade do materialismo e do materialismo dialético. À base de uma concepção que seja historicista sem cair no relativismo e que seja sistemática sem ser infiel à História.” Essa afirmação evidencia os esforços do autor para propiciar os

aspectos fundamentais para a escrita da *Ética*, que sem a conclusão da *Ontologia* estava inviabilizado.

Um ano antes disso, com uma primeira redação da sua introdução, o filósofo magiar prepara um texto como base para uma conferência que deveria ser apresentada no Congresso Filosófico Mundial realizado em Viena, porém ele não pôde comparecer. A redação foi elaborada com base na parte sistemática da *Ontologia*. O público brasileiro teve acesso ao texto por meio da tradução de Carlos Nelson Coutinho, intitulada *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*, publicada em 1978 (Lukács, 1978). Essa demarcação é fundamental porque possibilita observar alguns elementos da sistematização de que ele precisava para a escrita da sua *Ética*.

Analisamos a seguir como o texto supracitado nos ajuda com elementos para a definição de história. Depois de postular o trabalho como sendo o modelo da nova forma de ser em seu conjunto; centralizar o fundamento ontológico essencial do trabalho, as posições teleológicas que põem em funcionamento séries causais; aparecem as contradições. A primeira: “[...] as atividades cujo conjunto põe a totalidade em movimento e certamente de origem teleológica, mas a sua existência real [...] é feita de conexões causais que jamais e em nenhum sentido podem ser de caráter teleológico.” (Lukács, 1978, p. 6). A segunda tem que a práxis é uma decisão entre alternativas, “[...] todo indivíduo singular, sempre que faz algo, deve decidir se o faz ou não. Todo ato social, portanto, surge de uma decisão entre alternativas acerca de posições teleológicas futuras.” (Lukács, 1978, p. 6). Ele prossegue: “A necessidade social só se pode afirmar por meio da pressão que exerce sobre os indivíduos (frequentemente de maneira anônima), a fim de que as decisões deles tenham uma determinada orientação.” (Lukács, 1978, p. 6).

É desse mote que o filósofo de Budapeste entende ser possível derivar todos os problemas reais do complexo da liberdade, sem desconsiderar as mediações mais complicadas e distintas em sociedades mais complexas. No texto que está sendo analisado por ora, a título de exemplo, ele fica na região do trabalho em sentido estrito, nas categorias de valor e de dever-ser.

A primeira coisa que faz é demonstrar que, no conhecimento em geral, podemos distinguir entre “[...] o ser-em-si, objetivamente existente, dos objetos, e o ser-para-nós, meramente pensado, que tais objetos adquirem no processo cognoscitivo.” (Lukács, 1978, p. 7). Portanto, o ser-para-nós pode aparecer não como uma propriedade objetiva realmente existente. Já, no trabalho, o ser-para-nós do produto adquire a tal propriedade objetiva realmente existente, pois ele pode desempenhar, se posto e realizado corretamente, as suas funções sociais.

Ou seja, o produto do trabalho tem um valor¹³. Diferentemente do conhecimento em geral, no trabalho, “Apenas a objetivação real do ser-para-nós faz com que possam realmente nascer valores.” (Lukács, 1978, p. 7). O mesmo ocorre com o dever-ser, uma vez que o seu conteúdo “[...] é um comportamento do ser humano determinado por finalidades sociais [...]” e “[...] todo o movimento é submetido a um dever-ser.” (Lukács, 1978, p. 7).

Com o desenvolvimento do trabalho, por exemplo, diante da sua divisão, surge uma nova forma de posição teleológica, a secundária. Antes se tratava de elaborar um fragmento da natureza de acordo com finalidades humanas, agora com a teleologia secundária, diz respeito a induzir um ser humano a realizar algumas posições teleológicas de acordo a um modo predeterminado. Desse modo, faz oportuno encontrar meios para atingir a finalidade principal unitária, unitariedade finalística, na preparação e na execução do trabalho. Esse tipo de teleologia, com o surgimento das classes sociais com interesses antagônicos, é a base-estruturante da ideologia. Sendo que nos modos de produção mais desenvolvidos, a ideologia produz as formas mediante as quais os seres humanos tornam-se conscientes dos conflitos e neles se inserem através da luta (Lukács, 1978).

Mais três elementos do texto são fulcrais para o nosso objeto de estudo. Em primeiro lugar, ele aponta: “[...] o homem deixa a condição de ser natural para tornar-se pessoa humana, transforma-se de espécie animal que alcançou um certo grau de desenvolvimento relativamente elevado em gênero humano, em humanidade.” (Lukács, 1978, p. 13). Para ele, deve ser somado que “Tudo isso é o produto das séries causais que surgem no conjunto da sociedade. O processo em si não tem uma finalidade. [...] O progresso é decerto uma síntese das atividades humanas, mas não o aperfeiçoamento no sentido de uma teleologia [...]” (Lukács, 1978, p. 13). Ele salienta que continuamente esse desenvolvimento destrói os resultados anteriores, pois são economicamente limitados. Nessa vertente, “[...] o progresso econômico objetivo aparece sempre sob a forma de novos conflitos sociais.” (Lukács, 1978, p. 13). Ademais, o filósofo de Budapeste trata do chão ontológico de oposições aparentemente insolúveis, as classes antagônicas. Dessa forma, diferentes caracteres de inumanidade provêm do resultado desse progresso: “[...] o escravagismo constitui um progresso em relação ao canibalismo; hoje, a generalização da alienação dos homens é um sintoma do fato de que o

¹³ Para que fique evidente necessitamos de duas passagens de Marx (2013, p. 164-165): a) “Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser uma mercadoria. Quem, por meio de seu produto, satisfaz sua própria necessidade, cria certamente valor de uso, mas não mercadoria.” e b) “[...] nenhuma coisa pode ser valor sem ser objeto de uso. Se ela é inútil, também o é o trabalho nela contido, não conta como trabalho e não cria, por isso, nenhum valor.” Abordaremos essa questão com mais detalhes no próximo capítulo.

desenvolvimento econômico está para revolucionar a relação do homem com o trabalho.” (Lukács, 1978, p. 13).

Em segundo lugar, o filósofo de Budapeste comenta que o materialismo anterior a Marx não chegou a colocar que a individualidade já aparece como uma categoria do ser natural, assim como o gênero. Sendo assim, esses aspectos do ser orgânico podem se elevar no ser social tão-somente de modo simultâneo, tão-só no processo que torna a sociedade cada vez mais social. Além de evocar que a tarefa de uma ontologia materialista tornada histórica é: i) descobrir a gênese, o crescimento, as contradições no interior do desenvolvimento unitário; ii) mostrar que o humano, como simultaneamente produtor e produto da sociedade, realiza em seu ser-humano algo mais elevado que ser simplesmente exemplar de um gênero abstrato, que o gênero não é mais uma mera generalização à qual os vários exemplares se liguem “mudamente”; e iii) mostrar que esses se elevam até o ponto de adquirirem uma voz cada vez mais claramente articulada, até alcançarem a síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, com o gênero humano, convertido neles, por sua vez, em algo consciente de si (Lukács, 1978).

Em terceiro lugar, o filósofo húngaro finaliza indicando que Marx, como teórico desse ser e desse devir, extrai todas as consequências do desenvolvimento histórico, na medida em que ele descobre que os seres humanos: “[...] se autocriaram como homens através do trabalho, mas que a sua história até hoje foi apenas a pré-história da humanidade. A história autêntica poderá começar apenas com o comunismo” (Lukács, 1978, p. 14). Depois passa a discorrer sobre “reino da liberdade” e “reino da necessidade”.

Passarmos, agora, para a entrevista do filósofo magiar concedida ao *Der Spiegel*, em que aparece uma definição de história articulada com sua base ontológica. No início da década de 1970, Lukács fornece uma definição de história após abordar diversos temas, como as novas manifestações do capitalismo em relação ao consumo e ao setor de serviços, a atuação do movimento estudantil e seu impacto no desenvolvimento histórico, e sua compreensão sobre a categoria da ideologia. Ele destaca que, na *Introdução à Crítica da Economia Política*, Marx forneceu uma definição precisa de ideologia, apontando que o desenvolvimento econômico – marcado pela contradição entre forças produtivas e relações de produção – constantemente gera problemas, os quais a ideologia torna conscientes e possibilita enfrentar.

Lukács também ressalta que a tarefa da consciência humana é formular questões a partir das necessidades econômicas que emergem, uma vez que a práxis humana depende diretamente das respostas dadas a esses desafios. No entanto, ele enfatiza que o elemento primário continua sendo o processo de reprodução dos indivíduos, que, desde o surgimento do

trabalho, adaptam-se ativamente ao meio em que vivem. Além disso, discute o papel do desenvolvimento técnico, frequentemente destacado por alguns pensadores. Como exemplo, menciona Bukharin, que afirmava que a ausência de progresso no modo de produção antigo teria sido a causa da escravidão, considerando a técnica a verdadeira força produtiva.

O filósofo húngaro rejeitou essa tese e argumentou que, na verdade, a escravidão foi a causa do não desenvolvimento do modo de produção. Para ilustrar seu ponto, comparou com o capitalismo de sua época, destacando que nunca antes na história da humanidade houvera aparelhos de barbear e minissaias tão aperfeiçoados. Contudo, ao analisar questões como a habitação e a problemática das favelas, observou que o progresso nessas áreas foi significativamente menor do que no caso dos bens de consumo, evidenciando as desigualdades inerentes ao desenvolvimento capitalista (Lukács, 2008).

O pano de fundo concerne ao fato de que o mundo viveu um processo irreversível – desde a descoberta do átomo até a economia americana atual. Além disso, o jovem Marx tinha toda razão em ver a história como a ciência fundamental. Por isso, Lukács (2008, p. 344) define a história: “[...] é a interpretação e a compreensão de processos irreversíveis. Se a história retornasse sempre a um ponto de partida, então, não seria história.” Mas é preciso um complemento à observação de Marx, “[...] o desenvolvimento do mundo não deve ser apreendido como um processo homogêneo, e sim como um grande processo irreversível.” (Lukács, 2008, p. 344). Assim, os processos irreversíveis da natureza orgânica, por um feliz acaso, deram origem à vida na terra. Desde os primeiros vestígios dessa vida até o surgimento do orangotango e do mamute, consumou-se um processo irreversível, no qual, por fim, emergiram o humano e a sociedade. Ele sustenta que existem três momentos que o autoriza a falar de uma evolução sem nenhuma conotação ideológica, os quais foram descobertos pelo marxismo: i) o dispêndio de trabalho físico para a reprodução do indivíduo decresce, pois um trabalho produz 50 ou 100 vezes mais daquilo que é necessário para a reprodução de sua vida física; ii) afastamento das barreiras naturais, ou seja, um ser originariamente biológico se converte em um ser humano que o fator orgânico é transformado, por isso, as pessoas podem assumir comportamentos tão selvagens quanto possível. Todavia, jamais regredirá às formas originárias. Esse recuo é um tipo de progresso, um processo irreversível; e iii) o grande processo de integração, no qual o capitalismo, com o mercado mundial, criou a base do que se pode denominar de humanidade (Lukács, 2008).

O filósofo de Budapeste entra em mais uma rodada de explicação: a oposição entre o modo de consideração causal e o teleológico. Situa que uma teleologia não existe nem na natureza inorgânica nem na orgânica, ela surge apenas com o trabalho, uma vez que o plano

daquilo que tem de ser feito antecede a realização. Enquanto o leão destroça uma presa hoje como o fazia há milhares de anos, o ferreiro há tempos não trabalha mais de forma tão imperfeita como nos primórdios (Lukács, 2008).

A argumentação anterior é contraposta pela ideia de que tal característica poderia se aplicar, por exemplo, ao artesão, o trabalhador comum, em geral, não tem conhecimento pleno sobre o produto final de sua atividade, evidenciando que o trabalho, sob determinadas condições, pode se tornar um instrumento desprovido de consciência. Lukács responde a essa questão esclarecendo que sua análise se refere ao processo de trabalho, e não ao trabalhador em si.

Esse processo se manifesta, por exemplo, quando o diretor de uma fábrica elabora o plano para uma máquina, caracterizando um ato teleológico. Para dialogar com Marx: “[...] os homens [...] fazem a história, mas não sob circunstâncias por eles escolhidas. Estas circunstâncias não escolhidas são, em parte, o produto de seu próprio trabalho.” (Lukács, 2008, p. 346). Esse plano contrasta com o exemplo da bomba atômica, cujo ato teleológico inicial visava garantir a superioridade militar duradoura dos Estados Unidos. Contudo, o surgimento do pacto atômico foi um desdobramento imprevisto, não contido no ato teleológico original.

Lukács encaminha sua argumentação final a esse duplo sentido do desenvolvimento social: “[...] por um lado, tudo depende de atos teleológicos. Por outro lado, o processo irreversível de desenvolvimento global forma o contexto desses atos.” (Lukács, 2008, 346). Em seu tom explicativo ele conclui: “[...] para falar comigo o senhor precisou vir até o meu escritório aqui em Budapeste; a essa necessidade concreta correspondeu a sua liberdade, inclusive a liberdade de o senhor não falar comigo.” (Lukács, 2008, p. 346-347).

No texto de 1968, o filósofo húngaro faz relação de sua fala com uma citação de Marx: “‘Os homens fazem sua história, [...] mas não em circunstâncias por eles escolhidas’. Isso quer dizer o mesmo que antes formulamos do seguinte modo: o homem é um ser que dá respostas.” (Lukács, 1978, p. 14). Visualizamos, sem todas as mediações necessárias, as facetas da proposta de Lukács acerca de uma ontologia materialista já nos textos abordados até o presente momento.

Em síntese, devido à ausência de uma ontologia marxista capaz de determinar, de forma mais concreta, a unidade do materialismo e do materialismo dialético – fundamentando uma concepção que seja, ao mesmo tempo, historicista e sistemática, sem trair a História – Lukács se engaja na empreitada intelectual de elaborá-la. Conclui a primeira redação por volta de 1968, porém decide não a publicar, pois não estava satisfeito com seu acabamento. Passa a redigir os *Prolegômenos*, que também não os conclui. Porém, é possível visualizar os seus

resultados em diferentes oportunidades antes do acesso aos manuscritos deixados por ele, publicados postumamente como já expomos anteriormente.

Podemos resumir o mote exposto ao longo do tópico em:

- a. O mundo viveu um processo irreversível; de tal movimento da natureza orgânica, por um feliz acaso, produziu-se a vida orgânica na terra; mais um momento foi consumado, no qual surgiu o humano e a sociedade;
- b. Entre as esferas de ser, sempre ocorre um salto, no qual o novo tipo de ser tem carácter quanti-qualitativamente diferente;
- c. O trabalho funda o ser social e é o modelo da nova forma de ser em seu conjunto;
- d. Existe teleologia somente circunscrita ao ser social, sendo que põe em funcionamento séries causais; eliminando preconceitos milenares entre ela e a causalidade;
- e. A práxis é uma decisão entre alternativas, sobre posições teleológicas futuras, pois todo indivíduo singular deve decidir se o faz ou não;
- f. A necessidade social só pode se afirmar por meio da pressão que exerce sobre os indivíduos, a fim de que as decisões deles tenham uma determinada orientação;
- g. Do ponto anterior pode derivar todos os problemas reais do complexo da liberdade, o qual pode ser observado nas categorias de valor e dever-ser no trabalho em sentido estrito: a) o ser-para-nós do produto do trabalho adquire uma propriedade objetiva realmente existente, na medida em que ele pode desempenhar, se posto e realizado corretamente, funções sociais. Ou seja, o produto do trabalho tem um valor; que somente a objetivação real do ser-para-nós faz com que possam realmente nascer valores; b) movimento semelhante se opera com o dever-ser; seu conteúdo é um comportamento determinado por finalidades sociais;
- h. O progresso é decerto uma síntese das atividades humanas, mas não o aperfeiçoamento no sentido de uma teleologia mecânica;
- i. Individualidade e gênero só podem se elevar no ser social de modo simultâneo, bem como tão-só no processo que torna a sociedade cada vez mais social;
- j. A tarefa de uma ontologia materialista tornada histórica é: a) descobrir a gênese, o crescimento, as contradições no interior do desenvolvimento; b) o indivíduo, como simultaneamente produtor e produto da sociedade, realiza em seu ser-humano algo mais elevado do que ser simplesmente exemplar de um gênero abstrato; e c) mostrar que esses elevam-se até o ponto de adquirirem uma voz cada vez mais

articulada, até alcançarem a síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, com o gênero humano, convertido neles em algo consciente de si;

k. Marx, como teórico desse ser e desse devir, extrai todas as consequências do desenvolvimento histórico; ele descobre que os seres humanos se autocriam como indivíduos através do trabalho, mas até o comunismo, o humano tem vivido a sua pré-história;

l. O marxismo realizou três descobertas que o autoriza a falar de uma evolução: a) o dispêndio do trabalho físico para a reprodução do humano decresce à medida que produz mais que o necessário para a reprodução de sua vida física; b) há afastamento das barreiras naturais; sem um retorno para às formas originárias; e c) o grande processo de integração oportunidade pelo capitalismo/mercado mundial;

m. Reforço de que a teleologia está situada apenas na esfera do ser social, já que o leão destroça sua presa hoje como o fazia há milhares de anos; o ferreiro há tempos não trabalha (processo de trabalho) mais de forma tão imperfeita como nos primórdios;

n. Circunscrito ao processo de trabalho, as circunstâncias não-escolhidas são, em parte, o produto do seu próprio trabalho;

o. Há um duplo sentido do desenvolvimento social: a) tudo depende de atos teleológicos; b) o processo irreversível de desenvolvimento global forma o contexto desses atos;

p. A história é a ciência fundamental. Ela é a interpretação e a compreensão dos processos irreversíveis. Portanto, o desenvolvimento do mundo não deve ser apreendido como um processo homogêneo, e sim como um grande processo irreversível.

Visualizamos preliminarmente como a história pode ser concebida sem se recorrer a nenhum ser suprassensível tal como era concebida antes da ontologia marxiana. Entretanto, o próximo tópico busca elucidar com mais detalhes a história como ciência fundamental.

2.3 A história como ciência fundamental

A história compreendida como interpretação e compreensão de processos irreversíveis, bem como o entendimento de que tudo depende de atos teleológicos, sendo que o

processo irreversível de desenvolvimento global forma o contexto desses atos – além dos aspectos mencionados nos outros tópicos – deixa o sujeito com um aparato teórico que coloca-o em uma situação de considerar que o humano está sobre seus próprios pés.

Lukács (1978, p. 2) salienta que “Todo existente deve ser sempre objetivo, ou seja, deve ser sempre parte (movente e movida) de um complexo concreto”, o que afasta, inapelavelmente, toda e qualquer tentativa gnosiológica de demarcação do ser. O ser, em seu conjunto social, como visto, é um processo histórico; “[...] as categorias [...] como formas moventes e movidas da própria matéria: 'formas do existir, determinações da existência'.” (Lukács, 1978, p. 2-3). A consciência, como um produto tardio do desenvolvimento do ser material, jamais representa valor ontológico inferior, no concreto real, “[...] a consciência reflete a realidade e, sobre essa base, torna possível intervir nessa realidade para modificá-la, [...] tem um real poder no plano do ser” (Lukács, 1978, p. 3).

Lembramos que os humanos desenvolvem a consciência no interior do desenvolvimento histórico. Marx e Engels (2007) realçam que somente com a divisão entre trabalho material e espiritual (xamãs, curandeiros, sacerdotes etc.) a divisão do trabalho se torna realmente ativa. Resulta que a consciência pode realmente pensar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, isto é, representar algo realmente sem representar algo real; elevar-se do mundo e lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. “puras”.

Eles continuam sobre a concepção de história: “[...] não tem necessidade, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real [...]”, ou seja, “[...] não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da práxis material [...]” (Marx; Engels, 2007, p. 42-43).

Por isso, as formas do Estado, as relações jurídicas, têm suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades (“sociedade civil”). A anatomia da sociedade burguesa, por essa formulação, deve ser procurada na Economia Política. Portanto, o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Marx (2008, p. 47) sintetiza: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” Não se pode, assim, julgar “[...] o indivíduo pela ideia que de si mesmo faz, tampouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma.” (Marx, 2008, p. 48). Devemos “[...] explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção.” (Marx, 2008, p. 48).

Ao comentar o início genético da sociedade e da história do ser social em seu próprio desenvolvimento pelo trabalho, Lukács (1978) destaca que a razão ontológica fundamental reside na causalidade acionada por decisões teleológicas alternativas. Com isso, fornece elementos adicionais que concretizam os enunciados anteriores de Marx: i) os conhecimentos têm um caráter *post festum*; ii) apenas em um segundo momento é que conseguimos saber qual é o seu campo concreto; iii) somente os modos de realização dos produtos sociais mais diferenciados, mais complexos, é que mostram claramente qual foi na realidade a orientação evolutiva de um período de transformação; iv) tais tendências só podem ser apreendidas de modo preciso posteriormente; v) da mesma maneira, os julgamentos, aspirações, previsões etc., sociais que se formaram no entretempo só são confirmados ou refutados em uma etapa posterior.

Na exposição do fetichismo da mercadoria, Marx (2013, p. 206) expõe caracteres salustares para o presente estudo. O primeiro aspecto a considerar é a relação entre coisas físicas em que há estímulo do nervo óptico: “A impressão luminosa de uma coisa sobre o nervo óptico não se apresenta, pois como um estímulo subjetivo do próprio nervo óptico, mas como forma objetiva de uma coisa que está fora do olho.” Ele complementa: “No ato de ver, porém, a luz de uma coisa, de um objeto externo, é efetivamente lançada sobre outra coisa, o olho. Trata-se de uma relação física entre coisas físicas.”

O mesmo movimento não se passa com a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho, pois nada tem a ver com sua natureza física e com as relações materiais que dela resultam. O pensador alemão enuncia: “É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas.” (Marx, 2013, p. 206). Ele adentra ao campo nebuloso do mundo religioso para exemplificar tal caráter: “Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana.” (Marx, 2013, 206-207). Vale uma ressalva, isso serve para todo produto do trabalho sob a forma da mercadoria: tudo que a mão humana produz.

O pensador alemão, em seu tom irônico, destitui a argumentação dos economistas que atribuem valor de troca às qualidades das coisas:

Até hoje nenhum químico descobriu o valor de troca na pérola ou no diamante. Mas os descobridores econômicos dessa substância química [...] creem que o valor de uso das coisas existe independentemente de suas propriedades materiais [...], ao contrário de seu valor, que lhes seria inerente como coisas (Marx, 2013, p. 218).

Já que, para esses sujeitos, comenta Marx (2013, p. 218), “[...] o valor de uso das coisas se realiza para os homens sem a troca, ou seja, na relação imediata entre a coisa e o homem, ao passo que seu valor, ao contrário, só se realiza na troca, isto é, num processo social.” O pensador alemão é salutar para desvelar os equívocos dos idealistas, ele diz: “De onde vêm as ilusões do sistema monetário? Para ele, o ouro e a prata, ao servir como dinheiro, não expressam uma relação social de produção, mas atuam na forma de coisas naturais dotadas de estranhas propriedades sociais.” (Marx, 2013, p. 217).

Somente nessa altura de nossa exposição podemos recorrer a parte histórica da *Ontologia* para uma maior robustez expositiva. Ela deve ser somada aos excertos textuais anteriormente trazidos à medida que a intenção consiste em montar um conjunto de elementos para concretizar a via materialista da história; para aumentar nosso poder argumentativo sem nos desligar das letras escritas pelos pensadores de base do presente estudo.

É que “[...] a direção essencial no se-formar do ser social é precisamente substituir as determinações puramente naturais por formas ontológicas misturadas de naturalidade e socialidade e desdobrar posteriormente, a partir desta base as puras determinações sociais” (Lukács, 2018a, p. 566). Todavia, jamais completamente.

O ponto principal é que existe na teoria marxiana-lukacsiana “[...] a precisa separação da realidade em si existente como processo das vias de seu conhecimento.” (Lukács, 2018a, p. 565). Tal fato decorre que “Apenas com base em um conhecimento ao menos imediatamente correto de qualidades reais das coisas e processos, pode a posição teleológica no trabalho realizar sua alteradora.” (Lukács, 2018a, p. 565). Portanto, “[...] com a posição socialmente objetiva do valor de uso surge, no curso do desenvolvimento social, o valor de troca, no qual, se se o considera isoladamente, contém, como Marx disse, uma ‘objetividade fantasmagórica’.” (Lukács, 2018a, p. 565).

A cientificidade que Marx criou, no processo de generalização, “[...] em toda constatação de fatos, em toda descrição intelectual de uma conexão concreta, divisa sempre a totalidade do ser social e considera, a partir dela, a realidade e o significado de cada fenômeno singular [...]” (Lukács, 2018a, p. 572). Dessa maneira, “[...] uma constatação filosófico-ontológica da realidade em si existente que jamais paira acima dos fenômenos da obra por uma independentização das abstrações”, isto é, “[...] apenas por isso alcançou [...] o mais elevado patamar de ser da consciência para poder apreender, de todo concretamente, cada existente no precisamente a ele específico, precisamente em sua forma ontológica própria.” (Lukács, 2018a).

Sabemos que o ato interessado é um componente ontológico essencial do ser social, pois “[...] nele alcança um significativo novo acento qualitativo seu efeito deformante dos fatos, do caráter ontológico dos mesmos”, mas quando considerada outras esferas de ser, “[...] de todo à parte de que essas deformações absolutamente não tocam o ser-em-si da própria natureza [...]”, já no ser social, “[...] podem elevar a momentos dinamicamente operantes da totalidade em si existente.” (Lukács, 2018a, p. 571).

Como o processo do surgimento do ser social é um processo teleológico, “[...] seu produto assume apenas então a forma fenomênica e faz imediatamente desaparecer sua própria gênese quando o resultado corresponde à posição de finalidade, de outro modo justamente seu ser-inacabado aponta diretamente de volta ao processo de surgimento.” Destarte, uma vez que a relação entre fenômeno e essência no ser social alcança até os atos interessados, “[...] quando estes, como é na maior parte das vezes, se baseiam em interesses de grupos sociais, a ciência pode facilmente sair de seu papel controlador e transformar-se em órgão do velar, do permitir-desaparecer da essência” (Lukács, 2018a, p. 571).

A base da ciência marxiana se refere à “[...] imanente crítica ontológica de todo fato, de toda relação, de toda conexão legal.” Em que “A totalidade, contudo, não é aqui, absolutamente, intelectual-formal, mas a reprodução intelectual do realmente existente”. Sendo assim, “[...] as categorias não são tijolos de uma hierárquica arquitetura sistemática, mas, na verdade, ‘formas de ser, determinações da existência’”, em outros termos, “[...] elementos estruturais de complexos em movimento relativamente totais, cujas inter-relações dinâmicas resultam em complexos sempre mais abrangentes em sentido tanto extensivo quanto intensivo.” (Lukács, 2018a, p. 573).

No tópico *Historicidade e generalidade teórica*, Lukács (Lukács, 2018a, p. 612) salienta: “A história é um processo irreversível e por isso parece óbvio partir em sua investigação ontológica da irreversibilidade do tempo”. Para esse autor, na página seguinte, sem essa essência do tempo como fundamento inexorável de todo ser, o problema da necessária história sequer poderia emergir, já que “[...] a continuidade no permanecer, como princípio ontológico dos complexos moventes, indica como princípio do ser tendências ontológicas para a historicidade.”

Todavia, “[...] a eternidade do movimento não basta para determinar a concretude específica do histórico.” (Lukács, 2018a, 614). Ele completa: “[...] este contém não apenas um movimento geral, mas sempre também uma determinada direção na mudança, uma direção que se mostra em mudanças qualitativas de determinados complexos, em si e em relação com outros

complexos.” (Lukács, 2018a, p. 614). Essas colocações, como emenda o filósofo, são válidas para os complexos no ser inorgânico e elevam-se para as outras esferas de ser.

O filósofo magiar faz uma breve análise da categoria valor para demonstrar a objetividade ontológica da tendência de desenvolvimento internas do ser social:

Vimos que o valor, como unidade de valor de uso e valor de troca, economicamente inclui um pôr-com do trabalho socialmente necessário. E a investigação do desenvolvimento econômico da humanidade mostra, muito nitidamente, que, paralelo ao desdobramento da socialidade e do afastamento da barreira natural, de um lado, ininterruptamente aumenta a quantidade dos valores produzidos, em um ritmo sempre crescente e, por outro lado, tal qual ininterruptamente, diminui o trabalho socialmente necessário para sua produção. (Lukács, 2018a, p. 614).

Dessa maneira, “[...] é dada uma direção de desenvolvimento, através da qual a crescente socialidade da produção se expressa não simplesmente como aumento dos produtos, mas ao mesmo tempo na diminuição do trabalho socialmente necessário para a sua produção.” (Lukács, 2018a, 617). Esse é o processo em que o investigador pontua o seguinte: “Estamos, portanto, diante de um fato objetivamente ontológico da tendência de desenvolvimento internas do ser social.” (Lukács, 2018a, p. 617).

Encaminhando para finalização, o húngaro dirá que para se compreender a especificidade do ser social: “[...] deve-se compreender e ter presente essa duplicidade: a simultânea dependência e independência das formações e processos especiais que os atos individuais imediatamente produzem e dão seguimento.” (Lukács, 2018a, p. 617).

Lessa (2021), depois de analisar as contribuições para o marxismo ontológico, comenta que em Gramsci se encontra referências à esfera ontológica, contudo, é com Lukács que, pela primeira vez, o marxismo tem a devida abordagem dos aspectos decisivos da reflexão ontológica.

A discussão sobre atos teleológicos (trabalho), totalidade, singularidade e particularidade, categorias como expressão das formas de ser, determinações da existência, reprodução ideal do realmente existente etc., viabilizam elementos de investigação para historiadores e historiadoras, por extensão, às pessoas que se dedicam a historiar a educação.

Desse modo, precisamos elencar alguns aspectos ontológicos relacionados ao tempo e a história com base nos elementos materiais, sem margem para naturalização de poderes transcendentais ao objeto. Isso não quer dizer que a subjetividade, que as conquistas internas humanas sejam menosprezadas. Ao contrário, somente assim se abre caminho para sua maior evolução; o gênero humano deixa de ser-em-si para tornar-se para-si, atingindo todas as

suas potencialidades possíveis, já que fazem e trilham, mesmo sem saberem e com muitas mediações, seu próprio destino.

O próximo capítulo visa demonstrar como o humano se faz humano através do trabalho, à medida que relaciona essa categoria com o tempo, o processo irreversível, a história, dentre outras características que podem ajudar em uma elaboração teórica de maior robustez ontológica, uma vez que não quer desconfigurar o ser em um complexo concreto, que deve ser sempre existente.

3 NOTAS APROXIMATIVAS AOS ASPECTOS ONTOLÓGICOS FUNDAMENTAIS DO TEMPO, HISTÓRIA E TRABALHO

Seguiremos a estrutura expositiva do capítulo “Trabalho” da *Ontologia*, tentando expandir o que fizemos até agora – muitas vezes nos prendendo a citações diretas. Elas se justificam porque estamos isolando parte da exposição do autor de Budapeste para fins do presente estudo. Com isso, queremos permanecer o mais aproximado possível ao pensamento do autor, bem como atender nossos objetivos. Mesmo que possa parecer cansativo, tal postura é necessária.

3.1 Algumas palavras sobre o trabalho como posição teleológica

A primeira conexão que podemos estabelecer entre o capítulo “Trabalho” da *Ontologia* e nosso objeto de estudo está ligado a ideia de salto que ocorre de uma esfera de ser para outra. Depois do filósofo de Budapeste comentar que é Engels quem coloca o trabalho no centro do devir-humano de homens e mulheres, retiramos que: a) concerne a um período extremamente longo em que essa transição ocorre, que em nada altera o seu caráter de salto; b) salto significa uma mudança qualitativa e estrutural no ser, pelo qual o patamar inicial contém em si determinados pressupostos e possibilidades do posterior e mais elevado; c) os últimos não podem ser desenvolvidos dos primeiros numa simples continuidade retilínea; d) a ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento constitui a essência do salto, não o temporalmente súbito ou gradativo nascimento de uma nova forma de ser (Lukács, 2018b).

Depois de circunscrever a teleologia ao trabalho, uma vez que diz respeito ao “[...] único ponto em que uma posição teleológica, enquanto momento real da realidade material, é ontologicamente verificável.” (Lukács, 2018b, p. 16), encontramos mais um elemento de enlace: “Podemos falar racionalmente de ser social apenas se compreendemos que sua gênese, seu afastar-se de sua base, o seu tornar-se-independente, baseia-se no trabalho, *i.e.*, na contínua realização de posições teleológicas.” (Lukács, 2018b, p. 17).

O filósofo de Budapeste não hierarquiza teleologia e causalidade, ou vice-versa. Pelo contrário, comenta ser a teleologia exclusiva ao trabalho. Há uma coexistência das categorias, em que mesmo opostas, no interior de um processo de interação delas, para a produzir como realidade, a causalidade (mantendo sua essência) se transforma em posta (Lukács, 2018b).

Vejamos o que Lukács (2018b, p. 19-20) aponta sobre isso ao versar acerca do correto olhar de Hegel concernente a esse duplo aspecto. Primeiro: “[...] por um lado, a posição teleológica >>apenas<< faz uso da atividade própria da natureza; por outro lado, que a transformação dessa atividade a faz oposta a si própria.” Segundo, “Esta atividade da natureza se torna, portanto, sem transformação ontológico-natural de suas bases, posta.” Terceiro, “[...] seu ser-posto é a mediação de sua subordinação à posição teleológica determinada, com o que, ao mesmo tempo, torna-se um objeto, processo etc. unitariamente homogêneo a partir do entrelaçar-se posto de causalidade e teleologia.”

Conseguimos mais um caractere com a exposição sobre a relação propósito (teleologia) e meio (causalidade). Sob a socialidade da posição emerge uma heterogeneidade de princípio entre propósito e meio, portanto, “[...] a realizabilidade ou inutilidade da posição teleológica depende absolutamente de quão extensivamente é bem-sucedida, através da pesquisa dos meios, em transformar a causalidade natural em uma – ontologicamente dito – posta.” (Lukács, 2018b, p. 21). Afinal de contas, a posição de finalidade brota de uma necessidade social, na busca de satisfazê-la se produz o novo.

A análise feita por Lukács (2018b, p. 21-22) sobre a pesquisa dos meios nos oferece elementos fundamentais. Retiramos, ao acompanhar o seu percurso expositivo, que: para que a posição de finalidade se torne verdadeira o conhecimento sobre a natureza deve ser a ela adequado; a constante produção do novo se refere a um aspecto em que podemos enxergar a ascensão da esfera do ser social; no ato singular a finalidade domina e regula o meio; a longo prazo, para a reprodução social, o meio predomina; na interação entre as categorias, o meio corresponde ao momento predominante; e, para pôr a finalidade, a pesquisa dos meios e dos processos da natureza concerne à gênese da ciência. O Quadro 1 contém diferentes excertos textuais que tenta captar o movimento analítico do filósofo de Budapeste.

Quadro 1 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 21-22) relacionados ao objeto de estudo

(continua)

Enfoque	Palavras diretas da obra
Conhecimento adequado da natureza	[...] para que se torne uma verdadeira posição de finalidade, a pesquisa dos meios, <i>i.e.</i> , o conhecimento da natureza, tem de ter alcançado um determinado patamar a ela adequado [...]
Produção do novo	[...] a ininterrupta produção do novo, pelo qual, poder-se-ia dizer, aparece a categoria da esfera do ser social, sua primeira clara ascensão de toda mera naturalidade, está contida nesse modo de surgir e de se desenvolver concreto do trabalho.
Predominância da teleologia no ato singular	Isto tem por consequência que, em todo processo de trabalho concreto singular, a finalidade domina e regula o meio.
Predominância do meio	[...] para o trabalho, a indispensável pesquisa da natureza está concentrada antes de tudo na elaboração dos meios, são estes o veículo principal da garantia social da sua fixação nos

(conclusão)

	resultados do processo de trabalho, da continuidade da experiência do trabalho bem como, especialmente, do seu desenvolvimento ascendente.
	[...] para a sociedade enquanto tal, esse conhecimento mais adequado que fundamenta os meios (ferramentas etc.) com frequência é mais importante do que a correspondente satisfação da necessidade (posição de finalidade).
Momento predominante	[...] maior duração do meio ante as finalidades e satisfações imediatas, mas que ela não tão abrupta, tem igualmente uma duração e uma continuidade, já que o meio é o momento predominante;
Acesso ao passado pelo meio	[...] o meio, a ferramenta é a chave mais importante para o conhecimento daquelas etapas do desenvolvimento humano das quais não possuímos nenhum outro documento; pode revelar a própria história do seu surgimento, dentre outras características;
Surgimento da ciência	[...] a pesquisa dos objetos e processos na natureza, que precede o pôr da causalidade pelo criar dos meios, é constituída, por sua essência, [...] de atos reais de conhecimento e com isso, objetivamente contém o início, a gênese, da ciência.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse contexto, por um lado, no mote de “[...] todo conhecer e aplicar de conexões causais, portanto todo pôr em uma causalidade real, figura de fato no trabalho como meio para uma finalidade singular” (Lukács, 2018b, p. 24); por outro lado, “[...] objetivamente, contudo, tem a prioridade de ser também aplicado a outra finalidade, mesmo a uma imediatamente inteiramente heterogênea.” (Lukács, 2018b, p. 24). Assim sendo, mesmo que por um período muito longo “[...] se possa ter tido apenas consciência puramente prática, em toda aplicação com sucesso a uma nova esfera, faticamente tem lugar corretas abstrações, [...] em sua estrutura interna objetiva, já tem em si importantes características do pensamento científico.” (Lukács, 2018b, p. 24).

Para concretizar as afirmações realizadas, o filósofo magiar utiliza a gênese da geometria como exemplo, ou seja, “[...] quantos casos se originaram legalidades gerais, altamente abstratas a partir da experiência das necessidades práticas, do melhor tipo de sua satisfação, *i.e.*, pela indagação dos melhores meios no trabalho.” (Lukács, 2018b, p. 24-25). Em que se tem “Da tendência inerente a tornar-se independente da pesquisa dos meios na preparação e realização do processo de trabalho se eleva, portanto, o pensamento cientificamente dirigido e procede mais tarde às diferentes ciências naturais.” (Lukács, 2018b, p. 25).

Diferentemente das outras esferas de ser, com o trabalho, emerge uma categoria qualitativamente nova na ontologia do ser social: “[...] é a realização do resultado adequado, pensado e desejado da posição teleológica.” (Lukács, 2018b, p. 25-26). Portanto, Lukács (2018b, p. 26) realça que: “[...] a teoria marxiana do trabalho, como única forma existente de um existente teleologicamente produzido, justifica, com isso, pela primeira vez a peculiaridade do ser social.”

Temos a base necessária para afirmar que o pensamento científico brota de uma categoria objetiva concreta, o trabalho. Abrimos cada vez mais distância de elementos idealista para conceber uma teoria. Vemos, na verdade, uma composição calcada na materialidade. Por isso, podemos avançar para mais caracteres que tecem nosso objeto de estudo.

A realização é a outra categoria que devemos buscar conexão, uma vez que: “A realização, em comparação, estabelece tanto a combinabilidade genética quanto a oposição essenciais: a atividade do ser-natural humano deixa surgir, da base do ser inorgânico e orgânico, um patamar particularmente novo, [...] o ser social.” (Lukács, 2018b, p. 26).

Com ela, através do trabalho, a consciência cessa de ser um epifenômeno no sentido ontológico: “[...] no pôr de finalidades e seus meios, passa a consciência, com um ato auto-controlado, a posição teleológica, não apenas a se adaptar ao entorno [...] mas também consumir alterações na própria natureza para esta impossível, até mesmo impensável.” (Lukács, 2018b, p. 27). Vale enfatizar que: “Na medida, portanto, em que a realização se torna um princípio transformador, neo-formador da natureza, a consciência, que conferiu impulso e direção a ela, ontologicamente não pode mais ser epifenômeno.” (Lukács, 2018b, p. 27).

Há a separação do materialismo mecanicista (velho) do dialético (novo), já que se tem, para o último, como realidade objetiva somente a natureza em sua legalidade (Lukács, 2018). Aquele desconsiderava a realidade do pensamento (objetivo). Entretanto, “[...] o caráter não mais epifenomênico da consciência, apenas é encontrável e verificável na práxis [...]” (Lukács, 2018b, p. 28).

Para o autor citado, o trabalho é a forma originária dela, a qual corresponde ao espírito das constatações de Marx e a demarcação de Engels do trabalho como sendo a centralidade do desenvolvimento do tornar-se-humano do ser humano. Uma ajuda salutar pode ser retirada da correção da asserção em nível de declaração supracitada: “[...] no mundo da realidade adentrem realizações (resultados da práxis humana no trabalho) como novas formas de objetividade não deriváveis da natureza, que, contudo, precisamente enquanto tais são realidades tanto quanto os produtos da natureza [...]” (Lukács, 2018b, p. 28).

A conexão entre dois atos em si reciprocamente heterogêneos – o complexo a rigor existente do trabalho – que constituem o fundamento ontológico da práxis social podem fornecer mais elementos para nossa investigação: o reflexo e a posição, a ele vinculada, daquelas cadeias causais que são imprescindíveis para a realização da posição teleológica.

No reflexo se mostra “[...] uma precisa separação dos objetos, que existem independentes do sujeito, e dos sujeitos, os quais, em uma aproximação mais ou menos correta, podem representá-los através de atos de consciência e fazê-los uma sua posse espiritual.”

(Lukács, 2018b, p. 29). Caso contrário, “Se o sujeito, enquanto destacado na consciência do mundo objetual, não fosse capaz de o observar, de o reproduzir em seu ser-em-si, aquela posição de finalidade que está na base já do trabalho mais primitivo jamais poderia ter lugar.” (Lukács, 2018b, p. 29).

A partir dessa categoria, “[...] a representação destaca-se da realidade retratada, se coagulando em uma >>realidade<< própria na consciência.” (Lukács, 2018b, p. 30). Ficamos diante de elementos opostos: ser (natureza e sociedade) e seu reflexo. É uma dualidade fundamental da esfera de ser social. Dela, “[...] o ser humano abandona o reino animal.” (Lukács, 2018b, p. 30).

Ao Lukács (2018b, p. 30) comentar a possibilidade de erro do ser humano exposto por Pavlov, salienta que: “[...] o reflexo se dirige ao todo do objeto sempre intensivamente infinito, independentemente da consciência, procura apreendê-lo em seu ser-em-si e, justamente devido à distância para isto necessária, pode equivocar-se.” (Lukács, 2018b, p. 30). Na medida em que “[...] as imagens não podem ser jamais mecanicamente cópias fiéis, quase fotográficas, da realidade. Elas são sempre determinadas pelas posições de finalidade, portanto, geneticamente falando, pela reprodução social da vida, originariamente pelo trabalho.” (Lukács, 2018b, p. 31).

Em suma, Lukács (2018b, p. 31) aponta que consegue dos seus achados em *A peculiaridade do estético*, em que tinha colocado a concreta orientabilidade teleológica do reflexo, por um lado, “Podia-se dizer que aqui é encontrada a fonte de sua fecundidade, sua ininterrupta tendência a descobrir o novo, enquanto a objetivação recém-descrita é emprega corretivamente em uma direção oposta.” Por outro lado, “O resultado é, portanto, como sempre em complexos, um resultado da interação entre opostos.”

Para lidar com o outro componente, a posição vinculada ao reflexo, Lukács (2018b, p. 31) traz para o corpo expositivo a categoria da possibilidade com base na *dynamis* aristotélica porque ele é estrita oposição de todo ser – por ser reflexo –, bem como é o veículo para o emergir da nova objetividade no ser social: “[...] a consciência que reflete a realidade recebe um certo caráter de possibilidade.”

Ele a liga à potência de ser (existência) e de não ser (existência realizável, caso contrário continuará uma posição/reflexo) o trabalho como categoria complexo-dinamicamente central de um novo patamar ontológico nascente, ou seja, “A transição do reflexo, como um determinada forma de não-ser, ao ser ativo e produtivo do pôr de conexões causais, constitui uma forma desdobrada da *dynamis* aristotélica que podemos determinar como o caráter alternativo de toda posição no processo de trabalho.” (Lukács, 2018b, p. 34).

Buscando concretizar seus argumentos, Lukács (2018b, p. 34) utiliza como exemplo os momentos dos atos de trabalho mais originários:

A pedra para instrumento é escolhida, todavia, por um ato de consciência, que não é mais de caráter biológico. Devem – pela observação e pela experiência, *i.e.*, pelo reflexo e através de sua elaboração segundo a consciência – ser reconhecidas determinadas propriedades da pedra que são adequadas ou inadequadas para a atividade planejada.

O filósofo de Budapeste coloca como reforço:

[...] quando o resultado do reflexo não-existente se condensa em uma práxis de tal modo alternativamente estruturada, pode vir a partir do naturalmente existente um existente na moldura do ser social, por exemplo, uma faca ou um machado, portanto uma nova forma de objetividade total e completamente nova desse existente. Pois a pedra em sua existência e ser-assim naturais nada tem a ver com a faca ou o machado. (Lukács, 2018b, p. 35).

O desfecho quando se enfatiza o trabalho mais originário, em que a alternativa revela nitidamente sua verdadeira essência: “[...] ela não é um ato isolado de decisão, mas um processo, uma cadeia ininterruptamente temporal de alternativas sempre novas. [...] não se trata jamais de um executar mecânico de uma posição de finalidade.” (Lukács, 2018b, p. 35). Portanto, “[...] não é apenas posta teleologicamente a finalidade, mas também a cadeia causal que é realizada tem de se transformar em uma causalidade posta.” (Lukács, 2018b, p. 35).

Lukács (2018b, p. 35) afirma que:

[...] tanto o meio de trabalho quanto os objetos de trabalho são coisas naturais submetidas à causalidade natural, estes apenas na posição teleológica, apenas através dela, mesmo se permanecem objetos naturais, podem receber, no processo de trabalho, uma legalidade socialmente existente.

Desse mote, o filósofo magiar esboça: “A alternativa se estende, portanto, a partir de uma atividade correta ou incorreta, até trazer à vida categorias que apenas pelo processo de trabalho tornam-se formas de realidade.” (Lukács, 2018b, p. 36). Dessa forma, “As alternativas no processo de trabalho, portanto, não são do mesmo tipo nem equivalentes.” (Lukács, 2018b, p. 36).

O entrelaçamento da alternativa com o reflexo deve ser considerado, pois ela “[...] igualmente um ato de consciência, é portanto a categoria mediadora, com a ajuda da qual o reflexo da realidade se torna o veículo do pôr de um existente.” (Lukács, 2018b, p. 36). Estamos diante do materialismo dialético e do materialismo histórico, à medida que, no trabalho, o

existente é sempre algo natural, bem como tal qualidade jamais pode ser completamente superada.

Vale observar esse estado de fato no processo de trabalho. Precisamos continuar a acompanhar o filósofo de Budapeste em um conjunto de excertos textuais. Visualizamos que ocorre o afastamento da barreira natural, jamais a sua completa eliminação; a permanência da causalidade natural na posta compreende uma gama de propriedades como possibilidades; há consequências devido a heterogeneidade da posição de finalidade com a causalidade natural; a alternativa deve permanecer, por causa disso, emerge uma série de preventivas posições de alternativas; o comportamento humano, com o desenvolvimento do trabalho, se baseia em decisões alternativas, por isso, o caráter de alternativa da práxis humana; os atos de consciência, em que se baseia a decisão do ser humano, tendem a se universalizar, mas existe, no salto da transição, uma competição entre as formas de ser superior e inferior. Podem ser vistos mais detalhes no Quadro 2.

Quadro 2 – Excertos textuais de Lukács (2018, p. 36-37) concernentes aos contrastes do estudo

Enfoque	Palavras diretas da obra
Afastamento da barreira natural	Por maiores que possam ser os efeitos transformadores do pôr teleológico das causalidades no processo de trabalho, a barreira natural pode apenas recuar mas, jamais, desaparecer completamente; isto se aplica tanto ao reator atômico quanto ao machado;
Permanência da causalidade natural na posta	[...] as causalidades naturais são de fato submetidas às causalidades postas de acordo com o trabalho, contudo jamais deixam de operar completamente, já que todo objeto natural compreende, em si, uma intensiva infinidade de propriedades como possibilidades;
Heterogeneidade da causalidade natural	Já que sua operatividade está em completa heterogeneidade para com a posição teleológica, deve em muitos casos produzir consequências que se opõem à posição teleológica, ocasionalmente mesmo a destroem (corrosão do ferro etc.);
Posições preventivas de alternativas	[...] a alternativa tem de permanecer em função mesmo com a completação do respectivo processo de trabalho, como supervisão, controle, reparação etc., e que tem de aumentar ininterruptamente tais preventivas posições de alternativas na posição de finalidade e sua realização;
Alternativa da práxis humana	O desenvolvimento do trabalho leva a que, por isso, o caráter de alternativa da práxis humana, do comportamento do ser humano para com seu entorno e para consigo mesmo, se baseie cada vez mais intensamente em decisões alternativas.
Tendência à universalidade da consciência	A ultrapassagem da animalidade através do salto para o tornar-se-humano no trabalho, a ultrapassagem do epifenomenal da mera determinabilidade biológica da consciência alcança, portanto, através do desenvolvimento do trabalho, um inexorável incremento, uma tendência para a universalidade dominante;
Competição entre as formas de ser superior e inferior	No salto da transição e, ainda, por muito tempo, estão elas em constante competição com as formas de ser inferiores das quais brotam e que – inexoravelmente – constituem sua base material, mesmo quando o processo de transformação já alcançou seus níveis mais elevados.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Mesmo fazendo algumas considerações sobre a *dynamis* aristotélica, ele a coloca no centro argumentativo, pois, depois de trazer uma citação direta de Marx, ela permite

visualizar a transformação da possibilidade em realidade, já que: “[...] apenas a alternativa daquele ser humano (ou coletivo de seres humanos), chamado a colocar em andamento o processo de realização material pelo trabalho, pode efetuar essa transformação da potência em existente.” (Lukács, 2018b, p. 38).

O filósofo de Budapeste capta mais aspectos materiais e históricos da alternativa, uma vez que, Lukács (2018b, p. 39) salienta que, por um lado, “[...] a decisão de um ser humano concreto (ou de um grupo concreto de seres humanos) sobre as melhores condições concretas de realização de uma concreta posição de finalidade.” Por outro lado, “[...] toda alternativa (também toda cadeia de alternativas) se refere, no trabalho, jamais à realidade em geral; ela é uma escolha concreta entre caminhos cuja finalidade [...] foi produzida não pelo sujeito que decide, mas pelo ser social no qual ele vive e opera.” O espaço de manobra da decisão por isso é determinado pelo tal complexo ontológico, portanto, do ser social.

Assim sendo, quando considerado na totalidade, “O processo social real, do qual tanto se elevam a posição de finalidade quanto o encontrar e a aplicação do meio, determina o espaço de manobra concretamente delimitado para as possíveis perguntas e respostas, para as alternativas, que podem ser realmente realizadas.” (Lukács, 2018b, p. 40). Por isso, “Os componentes determinados aparecem na respectiva totalidade ainda mais concreta e solidamente delineados do que nos atos de posição singulares isoladamente considerados.” (Lukács, 2018b, p. 40).

Conseguimos diferentes elementos ontológicos que podem fortalecer a teoria da história, em que o trabalho pode fornecer a chave para compreensão do desenvolvimento da humanidade, a fundabilidade de uma nova esfera de ser, a social, sem turvamentos gnosiológico-lógico de tal processo, em que a sua forma originária – criador de valores de uso – se coloca como modelo para a práxis social em geral: o metabolismo entre ser humano (sociedade) e natureza.

Os aspectos trazidos pelo filósofo magiar na explicação do germe da liberdade podem trazer ainda mais caracteres para o nosso propósito investigativo, por isso, iremos acompanhar as últimas páginas do tópico.

O filósofo de Budapeste deseja deixar nitidamente concretizado o tipo de essência de liberdade que brota da alternativa no interior do processo de trabalho sem qualquer interpretação errônea sobre ela. Percorre um movimento analítico que vai do trabalho como produtor de valor de uso; passa pelo caráter duplo (realização de uma posição teleológica por um sujeito e a inter-relação dominante entre ser humano e natureza, considerando apenas categorias que emergem dela) do trabalho; a alternativa engendra a passagem da possibilidade

em realidade, em que o impulso consciente (desejo de satisfazer uma necessidade) se mostra vencedor; a atividade deve ser baseada no ser-em-si objetivo para aquele que trabalha; com a intenção do reflexo objetivo e o esforço de eliminação do instintivo se processa um domínio consciente; em consequência disso, o que prevalece é a visão correta sobre o meramente instintivo; a *dynamis* aristotélica aparece como expressão categorial dessa transição (formas de ser); o trabalho foi o responsável pelo salto; com o crescente domínio da consciência, qualquer prejuízo ao trabalho é descartado; e do comportamento consciente no trabalho, o ser humano adentra uma nova forma de ser, autofundada, o ser social. O Quadro 3 busca captar o movimento comentado.

Quadro 3 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 40-45) que robustecem o objeto de estudo
(continua)

Enfoque	Palavras diretas da obra
Trabalho como produtor de valores de uso	[...] o trabalho em seu tipo de essência originária – como produtor de valores de uso – como forma do metabolismo entre o ser humano (sociedade) e a natureza >>eterna<<, que sempre se mantém nas mudanças das formações sociais, então é claro que a intenção, que determina o caráter da alternativa, embora se eleve de necessidades sociais, dirige-se a uma transformação de objetos da natureza.
O caráter duplo do trabalho	[...] o trabalho mostra ontologicamente uma dupla face: por um lado, esclarece nessa sua generalidade que uma práxis apenas é possível como consequência de uma posição teleológica de um sujeito, que, contudo, uma tal posição encerra em si um conhecimento e um pôr de processos causal-naturais como posições. Por outro lado, trata-se aqui de uma inter-relação tão dominante entre ser humano e natureza, que se tem o direito de, na análise da posição, apenas se considerar as categorias que dela brotam.
Da possibilidade à realidade pelo impulso consciente	[...] a categoria decisivamente nova, que engendra a passagem da possibilidade em realidade, é precisamente a alternativa. [...] o primeiro impulso para a posição teleológica é o desejo de satisfazer uma necessidade. [...] é indubitável a vitória do comportamento consciente sobre a mera espontaneidade do biologicamente instintivo ao ser introduzido entre a necessidade e a satisfação imediata o trabalho como mediação.
A atividade deve ser baseada no ser-em-si objetivo	Aquele que trabalha deve necessariamente aspirar ao êxito em sua atividade. Este apenas pode ser logrado, contudo, se ele tanto na posição de finalidade quanto na escolha de seus meios, se dirige incessantemente a apreender a tudo o que se conecta com o trabalho em seu ser-em-si objetivo e se, adequadamente, se comporta para com a finalidade e seus meios em seu ser-em-si.
Intenção de um reflexo objetivo e esforço de eliminação do instintivo	Nisso não está apenas contida a intenção de um reflexo objetivo, mas também o esforço de eliminar tudo meramente instintivo, emotivo etc. que poderia obnubilar a visão objetiva. Com isso surge justamente o domínio do consciente sobre o instintivo, do conhecido sobre o meramente emocional.
Consequência do consciente sobre o instintivo	Isso, considerado do aspecto do sujeito, tem como consequência uma continuidade sempre renovada desse domínio e, de fato, uma continuidade que aflora, em cada movimento de trabalho singular, como novo problema, como nova alternativa, e sempre, se o trabalho deve ser exitoso, tem de terminar com a vitória da visão correta sobre o meramente instintivo.
Potencialidade da uma esfera de ser tornar-se outra	[...] a <i>dynamis</i> aristotélica (Marx usa o termo >>potência<<, também escolhido pelo historiador da lógica, Prantl) como expressão categorial dessa transição. O que, aqui, Marx denomina potência é, por último, o mesmo que N. Hartmann designa como a labilidade no ser biológico dos animais mais elevados, uma grande elasticidade na adaptação mesmo a, quando necessário, situações fundamentalmente alteradas.
Salto pelo trabalho	Certamente, isto foi a base biológica da transformação de um animal desenvolvido em ser humano. [...] trabalho significa [...] um salto nesse desenvolvimento.

(conclusão)

Domínio da consciência	Se se quer compreender corretamente as transformações que aqui emergem no sujeito, tem-se de partir da situação objetiva já descrita, de que ele é o iniciador da posição de finalidade, da transformação cada vez mais ampla de cadeias causais em postas, da realização de todas essas posições no processo de trabalho. Trata-se, portanto, de toda uma série de diferentes posições, de espécie teórica e prática, por parte do sujeito.
	O comum a todas elas, se se as tenta conceber como atos de um sujeito, é que, por todos os lugares, devido ao distanciamento que toda posição necessariamente compreende, o imediatamente, instintivamente experimentado é substituído por atos de consciência, ou ao menos por estes dominados.
Sob o domínio da consciência, qualquer prejuízo ao trabalho é descartado	Esse distanciamento tem uma consequência ainda mais vasta, a de que o ser humano que trabalha é forçado a dominar conscientemente seus afetos. Pode cansar, mas se a interrupção prejudicar o trabalho, ele prossegue [...].
Comportamento consciente no trabalho	É sem dúvida evidente que, com isso, entram na vida humana tipos de comportamento que se tornam absolutamente decisivos para o autêntico ser-humano do ser humano.
	[...] o ser humano, por si próprio, se impõe o autodomínio como pressuposto necessário da realização de suas finalidades autopostas no trabalho.
	Também neste aspecto vale, para o trabalho, que ele é o veículo para a autocriação do ser humano como ser humano. Enquanto ser biológico, é ele o produto do desenvolvimento natural. Com a sua autorrealização, a qual, naturalmente, pode significar um afastamento da barreira natural, contudo jamais o seu desaparecimento, seu completo ultrapassar, ele adentra ele em um novo autofundado, ser: no social.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Percorrer um longo caminho pelo tópico “Trabalho como posição teleológica” da *Ontologia* oportunizou visualizar como Lukács (2018b) postula o trabalho como modelo da práxis social, como atividade humana nos seus diferentes momentos, tais como posição teleológica, causalidade posta, uma espécie de relação sujeito-objeto, em que se faz fundamental o domínio consciente dos aspectos meramente biológicos.

Para a realização da posição de finalidade a pesquisa dos meios, o reflexo objetivo do ser-em-si da causalidade natural é o mecanismo auxiliar do trabalho para transformar a possibilidade em realidade. Contribui para a prevalência do conhecido sobre meramente instintivo, o qual tende à intensificação, ou seja, esse é dominado pelos atos de consciência.

O trabalho foi analisado como produtor de valores de uso, como metabolismo do ser humano (sociedade) e a natureza. Nessa ocasião, foi possível concretizar o modelo mencionado linhas acima. Observamos como se processa, mesmo abstratamente, o materialismo histórico e o materialismo dialético.

Sobre isso, a análise do filósofo de Budapeste trazida no presente texto acerca do propósito e meio fornece um interessante exemplo. Somada a ela, outro momento explicativo se refere a discussão concernente a espaço de manobra, em que deve levar em consideração a totalidade, uma vez que nela aparece concretamente delineado os seus componentes, no qual, é determinado pelo ser social do que pelos atos teleológicos singulares.

A aplicação da *dynamis* aristotélica ao trabalho na *Ontologia* serviu para fundamentar uma unitariedade no ser, uma unidade de unidade e diversidade (Lukács, 2018a), na medida em que pressupõe uma ontologia geral e delineia a do ser social. Diz respeito a um Ser Uno, em que todo existente deve ser sempre objetivo – partes movente e movida de um complexo concreto –, por isso, se deve concebê-lo: 1) como um processo histórico; 2) as categorias como moventes e movidas da própria matéria, como sendo formas de ser e determinação da existência (Lukács, 1978).

A ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento constitui a essência do salto de uma esfera para outra, mais uma proporcionada pelo trabalho, não temporalmente súbito ou gradativo nascimento de uma nova forma de ser. Temos que a conceber como a contínua realização de posições teleológicas.

A elaboração dos meios se liga à garantia social da sua fixação nos resultados do processo de trabalho, da continuidade da experiência do trabalho, do seu desenvolvimento ascendente. Por isso, para a sociedade, o conhecimento mais adequado que fundamenta os meios com frequência é mais importante do que a correspondente satisfação da necessidade (posição teleológica).

Vale uma ressalva, a maior duração do meio em comparação com a finalidade tem igualmente uma duração e continuidade, pois o meio é o momento predominante. Faz-se assim porque pode ser a chave mais fulcral para o conhecimento das etapas do desenvolvimento humano das quais não possuímos nenhum outro documento. O exemplo de Childe trazido pelo filósofo de Budapeste é elucidativo acerca do entendimento sobre o processo de trabalho na feitura do machado a cerâmica, ou seja, do seu progresso objetivo, pleno de contradição e desigual.

Uma cadeia ininterruptamente temporal de alternativas sempre novas entra em cena quando se toma uma decisão. Todavia, a totalidade (ser social) joga o papel determinante porque, tanto o meio de trabalho quanto os objetos de trabalho são coisas naturais submetidas à causalidade natural, somente na posição de finalidade, apenas através dela, mesmo se permanecem objetos naturais, podem receber, no processo de trabalho, uma legalidade socialmente existente.

Ela jamais se fecha, uma vez que sua operatividade está em completa heterogeneidade em relação a posição teleológica, com frequência em oposição, ocasionalmente mesmo a destroem, por exemplo, a corrosão do ferro. As diferentes relações e inter-relações – alternativa, totalidade, reflexo objetivo, consequências etc. –, trazidas da

exposição de Lukács (2018b) demonstram a dinâmica e complexidade de se colocar o trabalho como modelo da práxis humana.

Diante de tudo o que foi exposto, colocamos enfoque para o germe da liberdade ligada a decisão entre alternativas concretas. O principal se refere ao domínio consciente do meramente instintivo. A imposição pelo o próprio ser humano do autodomínio necessário da realização de suas finalidades autopostas no trabalho.

Temos mais duas importantes constatações do trabalho enquanto veículo para a autocriação do ser humano como ser humano: 1) enquanto ser biológico, o ser humano é o produto do desenvolvimento natural; 2) com a sua autorrealização – afastamento da barreira natural – ele adentra em um novo autofundado ser: no social.

A atenção dada aqui recaiu sobre a teleologia primária, isto é, voltada para o metabolismo do ser humano (sociedade) e a natureza, o trabalho como produtor de valores de uso. Precisamos visualizar as formas posteriores, mais desenvolvidas da práxis social. Em que o conteúdo essencial da posição teleológica diz respeito a tentativa de levar seus iguais a executar, por sua parte, posições teleológicas concretas, a teleologia secundária. Essa tarefa será o conteúdo do nosso próximo tópico.

3.2 Alguns apontamentos concernentes ao trabalho como modelo da práxis social

Enfocamos mais aspectos expostos pelo filósofo magiar no presente tópico para conferir maior profundidade ao nosso objeto de estudo. Antes de versar sobre teoria e práxis, ele lança mais um olhar às condições ontológicas de surgimento do próprio trabalho. Lukács (2018b, p. 56) indica, depois de contrastar as esferas de ser, ser necessário a relação-sujeito-objeto, a qual, proporciona, por um lado, “O objeto (*Objekt*) só pode se tornar um objeto da consciência se esta tenta apreendê-lo mesmo onde nenhum interesse biológico imediato enlace o organismo portador dos momentos ao objeto (*Gegenstand*).” Por outro lado, “[...] o sujeito apenas se torna sujeito porque executa uma tal mudança em sua atitude para com os objetos (*Gegenständen*) do mundo exterior.”

Sendo assim, ele continua, “[...] fica evidente que o pôr da finalidade teleológica e dos meios, que funcionam causalmente, de sua realização absolutamente não são executáveis independentes um do outro enquanto atos de consciência.” Por último, “A conexidade inseparável por nós constatada de teleologia e causalidade posta se reflete e se realiza nesse complexo da execução do trabalho.”

Também é dessa base, a junção do teleológico e do causal posto, em uma análise das mudanças ontológicas que o salto do ser humano para fora da esfera do ser biológico produziu o social, um modo de comportamento do sujeito humano, em resumo, a práxis determinada pelo dever. Sigamos os momentos expositivos que se conectam com o nosso objeto de estudo.

É da máxima importância balizar as linhas escritas por Lukács (2018b, p. 61-68) com as pretensões ensejadas no presente estudo. Nossa intenção tem sido essa desde o começo, mas nessa altura o filósofo de Budapeste faz uma análise fulcral sobre as determinações objetivas do tempo. Ao analisar o dever na finalidade, em que todo passo daquele que trabalha intenciona o alcançar a posição teleológica, observamos uma distinção valiosa entre causalidade natural e posta. Na primeira, o presente é determinado pelo passado. No entanto, existe uma transformação, na segunda, do domínio, pois na consciência a finalidade é anterior a realização, ou seja, o futuro domina o presente. O agir pelo futuro posto tem a ver com o movimento pelo dever da finalidade. Tal estado de fato necessita considerar o reflexo objetivo da realidade para trazer à vida a relação causal concreta para a realização da posição teleológica. Dessa forma, reflexo e dever se relacionam para promover a realização do devido. As consequências disso diz respeito ao autodomínio do ser humano para um melhor metabolismo com a natureza. Por isso, o movimento baseado pelo futuro corresponde a estrutura prevalecente na práxis humana mesmo em relações mais complexas. Porém, concebemos o processo de desenvolvimento concreto da sociedade de maneira adequada somente *post festum*. O Quadro 4 oferece mais detalhes para serem observados.

Quadro 4 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 61-68) que se conectam com o objeto

(continua)

Enfoque	Palavras diretas da obra
Dever na finalidade	O momento determinante imediato de toda ação intencionada como realização tem de já, por isso, ser o dever, porque todo passo da realização é determinado se e como ele promove o alcançar da finalidade.
Predominância do passado	[...] na determinabilidade causal normal, biológica; portanto, tanto nos seres humanos quanto nos animais emerge um curso causal no qual de modo inevitável sempre o passado determina o presente.
Transformação no domínio do passado	O pôr finalidade inverte [...] essa relação: a finalidade é (na consciência) anterior que sua realização e, no processo que conduz a esta, cada passo, cada movimento é dirigido pela posição de finalidade (pelo futuro).
Predominância do futuro	O sentido da causalidade posta constitui, visto daqui, nisso, que os elos, as cadeias causais etc. dela são escolhidos, postos em movimento, deixados em seu movimento etc. para promover a realização da finalidade inicialmente decidida.
	Visto do sujeito, este agir determinado pelo futuro posto é justamente um agir guiado pelo dever da finalidade.
Reflexo objetivo da realidade na	[...] o pôr da causalidade já consiste precisamente em reconhecer tais cadeias causais, relações causais que, pela escolha correspondente, influência etc., são capazes de realizar a

(conclusão)

causalidade posta	finalidade posta, e o próprio processo de trabalho não significa mais do que trazer à vida esse tipo de relação causal concreta para a realização da finalidade.
Relação entre reflexo e dever	Vimos que, com isso, necessariamente surge uma cadeia ininterrupta de alternativas na qual a correta decisão é determinada, cada uma, pelo futuro, pela finalidade a ser realizada.
	O reflexo correto da realidade é, naturalmente, inexoravelmente o pressuposto de um dever que funciona corretamente; esse reflexo correto apenas pode ser efetivo se ele realmente promove a realização do devido.
	Portanto, também aqui é falada de uma inexorável inter-relação entre dever e reflexo da realidade (entre teleologia e causalidade posta), em que ao dever cabe a função de momento predominante.
Consequências do dever do/no trabalho	A essência ontológica do dever no trabalho dirige-se de fato ao sujeito que trabalha e determina não apenas seu comportamento no trabalho, mas também para consigo próprio como sujeito do processo de trabalho.
	Este é [...] um processo entre ser humano e natureza, a base ontológica do metabolismo entre ser humano e natureza.
	Essa qualidade da finalidade, do objeto, dos meios determina também a essência do comportamento subjetivo.
	[...] um trabalho apenas pode ser exitoso com base na mais intensa objetividade, que, por isso, a subjetividade, nesse processo, tem de desempenhar um papel produtivo auxiliar.
	[...] o dever apela a determinados aspectos da interioridade do sujeito, suas demandas são postas de tal maneira que as transformações no interior humano fornecem um veículo para o melhor domínio do metabolismo com a natureza.
	O autodomínio do ser humano que, de modo necessário, emerge por primeiro efeito do dever no trabalho, o crescente domínio de sua visão sobre as próprias inclinações biológicas espontâneas etc., torna-se regulada e dirigida através da objetividade desse processo, este é fundado, todavia, por sua essência, na existência natural dos objetos, dos meios etc. do trabalho.
A tarefa futura posta é o princípio determinador da práxis humana mesmo em relação mais complexas	Tão logo [...] a finalidade teleológica torna-se a da influência sobre os outros seres humanos para, por seu lado, executarem posições teleológicas, a subjetividade das posições obtém um papel qualitativamente alterado, e o seu desenvolvimento das relações sociais dos seres humanos conduz eventualmente a que também a autotransformação do sujeito se torne objeto imediato de posições teleológicas cujo tipo é o dever.
	[...] o fundamental estado de fato comum de que, a saber, são todas relações de dever, atos nos quais o passado, em sua espontânea causalidade, não determina o presente, nos quais, antes, a tarefa futura posta teleologicamente é o princípio determinador da práxis que a ela se dirige.
	O dever no processo de trabalho contém, [...] já como tal, possibilidades de diferentes espécies, objetivas bem como subjetivas. Quais delas, e como, se tornam realidades sociais depende do respectivo desenvolvimento concreto da sociedade.
Observação adequada apenas posteriormente	[...] esse desenvolvimento deixa-se conceber adequadamente, em suas determinações concretas, apenas <i>post festum</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor.

Constatamos da exposição do autor a sua concepção da divisão de tempo: a dimensão do passado, do presente e do futuro. Na esfera orgânica o passado determina o presente, já na social, é a posição futura que o faz. A última determinação somente pode ser vista *post festum*. Ele aplica uma retrospectiva intelectual para observar o trabalho como modelo da práxis social.

É salutar mencionar que o materialismo histórico e o materialismo dialético na *Ontologia* jamais perde seu fio condutor, pois considera a base natural da existência humana

uma base inexorável. O seu manusear por Lukács (2018b), com base em Marx, abre o campo de compreensão da socialidade específica de diferentes categorias que brotam do salto, a separação ontológica de natureza e sociedade.

Entra na nossa rota a inter-relação entre dever e valor. Esse influencia na posição de finalidade e mostra como princípio de apreciação do produto realizado; aquele, diz respeito ao mecanismo regulador do próprio processo (Lukács, 2018b). Ela se conecta com a manifestação mais originária do valor, o valor de uso, em que existe uma inexorável dependencialidade para com a existência natural.

Na moldura, o filósofo magiar realça: “Torna-se valor de uso na medida em que é útil para a vida do ser humano. [...] podemos enxergar no valor de uso uma forma de objetividade objetivamente social.” (Lukács, 2018b, p. 69). Sobre a socialidade do valor fundada no trabalho se diz: “[...] a [...] maioria dos valores de uso emerge, através do trabalho, pela transformação dos objetos, das circunstâncias, da operatividade etc. dos objetos naturais, e esse processo se desdobra como afastamento da barreira natural, [...] com a sua maior socialidade [...]”.

Esse elemento, enquanto objetivação do metabolismo da sociedade com a natureza, uma característica de todas as formações sociais, de todos os sistemas econômicos, não está submetido a nenhuma transformação histórica. No entanto, alteram-se ininterruptamente os modos fenomênicos concretos, mesmo no interior de uma mesma formação, já que enquanto houver ser humano haverá trabalho como produtor de valores de uso (Lukács, 2018b).

A compreensão de substância por Lukács (2018b, p. 83) permite elucidar as afirmações anteriores, ela é: “[...] o que, na eterna mudança das coisas, mudando-se a si própria, é capaz de se preservar em sua continuidade.” Entretanto, ele continua na mesma página, o “[...] dinâmico auto-preservar-se não é, contudo, incondicionalmente ligado a uma >>eternidade<<. Substâncias podem surgir e desaparecer, sem por isso cessarem de ser substâncias, ao se manterem dinamicamente no período de tempo de sua existência.”

Entoamos que o valor de uso, no interior daquela moldura, é algo objetivo. Mesmo que “[...] essa utilidade tem um caráter teleológico, utilidade para um propósito concreto determinado, não supera essa objetividade.” (Lukács, 2018b, p. 70). Com isso, “O valor de uso surge, portanto, não como simples resultante de atos subjetivos, avaliativos; sua correção ou erroneidade prova-se na qualidade objetiva do valor de uso, não o inverso.” (Lukács, 2018b, p. 70).

Para exemplificar, Lukács (2018b, p. 83) primeiro aponta que: “O ser do ser social se preserva enquanto substância no processo de reprodução; este é, contudo, complexo e síntese

de atos teleológicos que, de fato, são inseparáveis da aceitação ou rejeição de um valor.” Depois salienta que “[...] a gênese é, antes, a incessante mudança estrutural do próprio ser social da qual brotam imediatamente as posições que realizam valor.”

O filósofo magiar afirma que: “[...] uma verdade fundamental da concepção marxiana, que os seres humanos fazem sua própria história, todavia não podem fazê-la sob circunstâncias de sua própria escolha.” (Lukács, 2018b, p. 83). Ou seja, “[...] respondem – mais ou menos conscientes, mais ou menos corretamente – àquelas alternativas concretas que as respectivas possibilidades do desenvolvimento social se lhes põem.” (Lukács, 2018b, p. 83). Em tal estado de coisa já está contido, implicitamente, o valor.

O caráter de ser-ontológico-social do valor se refere a relação entre finalidade, meio e indivíduo que, enquanto tal, possui um ser social (Lukács, 2018b). Para o devido tratamento ontológico, “[...] contém este ser ao mesmo tempo um elemento de possibilidade, na medida em que determina em si apenas o espaço de manobra de solução das alternativas concretas, o conteúdo social e individual destas, a direção de solução das questões nelas contidas.” (Lukács, 2018b, p. 84). É oportuno dizer que, calcados nos delineamentos do filósofo magiar, enquanto desdobramento desse ser-em-si, seu crescimento a um verídico ser-para-si, o valor alcança nos atos que o realizam.

Podemos pinçar mais um componente para nosso objeto de estudo na conexão feita dos caracteres anteriores com as afirmações seguintes acerca do significado de uma resolução alternativa e a exemplaridade da positiva ou negativa dos atos de decisões realizados, em que: a) “[...] uma tal resolução de alternativa para o ser social depende do valor, melhor dizendo, do respectivo complexo das possibilidades reais de reagir praticamente à problemática de um *hic et nunc* histórico-social.”; e b) “Aquelas decisões, portanto, que realizam essas possibilidades em sua forma mais pura – ou afirmando o valor ou negando o valor – alcançam uma exemplaridade positiva ou negativa correspondente ao respectivo estágio de desenvolvimento.” (Lukács, 2018b, p. 84).

A forma de preservar o valor na reprodução social se processa pela via da tradicionalidade imediata, oral. Sendo assim:

Tornam-se heróis dos mitos aqueles que responderam a tais alternativas – que culminam em valores – da vida da tribo em um tal nível de exemplaridade humana que tal resposta, de modo exemplar – positiva ou negativamente – se torna socialmente duradouramente importante para a reprodução de uma tal vida e, por isso, se torna um componente desse processo de reprodução em sua mudança e se conservar. (Lukács, 2018b, p. 84).

O outro lado do processo do manter-permanecer mencionado pode contribuir para o desejado no presente estudo, por isso, observamos o que Lukács (2018b, p. 85) chama a atenção: “[...] importante notar que isto torna-se então possível apenas quando constantemente possa ser submetido a uma ininterrupta mudança em sua interpretação, *i.e.*, em sua aplicabilidade como modelo para a práxis do respectivo.”

Ele continua na mesma página: “A verdadeira conexão social mostra-se, antes de tudo, em que o momento absolutamente decisivo da mudança, da reinterpretação, está sempre ancorada nas necessidades sociais do respectivo presente.” Além disso, “[...] necessidades decidem se e como a alternativa fixada será interpretada.” Local em que “Nem o revelar da verdade histórica eventualmente disponível é aqui decisivo.”

A necessidade do presente, os valores a serem cultivados no *hic et nunc*, os sujeitos e os historiadores escrevem a história calcados em seu tempo histórico. É feita uma seleção de fatos para compor uma narrativa, a memória e a interpretação histórica de quem vive o seu respectivo presente. Podemos apontar que ocorre uma ação teleológica secundária.

Com base nisso, conseguimos conceber uma maleabilidade no terreno da história, em que a necessidade do respectivo presente joga um papel fundamental, na ocasião, o estágio do desenvolvimento pode influenciar a práxis, ou seja, a objetividade do valor. Sobre isso, tomamos o exemplo de Lukács (2018b, p. 85): “Sabemos acuradamente que o Brutus da lenda não corresponde à verdade histórica; isso em nada reduz o efeito do personagem de Shakespeare e avaliações opostas (Dante) são igualmente fundadas nas necessidades de seu presente.”

Assim sendo, o filósofo magiar, na mesma página, diz: “Mudança e permanência são, portanto, do mesmo modo, produzidas pelo desenvolvimento social [...]” Ele continua, “[...] sua inter-relação reflete justamente aquela forma recém-reconhecida de substancialidade da qual se falou no início desta argumentação, cujo componente orgânico é o valor em sua objetividade histórica.”

Novamente relembramos que o materialismo dialético e o materialismo histórico estão imbricados ao caminho expositivo do autor. Destarte, ele evoca em um novo parágrafo, na mesma página: “A objetividade dos valores se baseia, portanto, em que eles são componentes moventes e movidos do desenvolvimento social como um todo.”

Ele corresponde a uma totalidade em movimento, por isso, a) se constrói como soma causal das posições teleológico-alternativas, portanto, tem de existir como tais posições; b) decide, o valor dessas posições, sua verdadeira intenção tornada objetiva na práxis, isto é, ela pode assumir uma direção ao essencial ou ao efêmero, ao progressivo ou ao inibidor etc. (Lukács, 2018b).

Visualizamos mais alguns diferentes aspectos ligados ao caráter ontológico referente ao tempo, por extensão, a história. O que possibilita a compreensão do materialismo histórico e do materialismo dialético em suas camadas no ser social. A discussão abarcou momentos em que a intenção diz respeito a influenciar outros indivíduos a executarem posições teleológicas pelo proponente, isto é, não pelo executante; e a inter-relação dessa com o trabalho originário (dever, valor, alternativas, dentre outras categorias).

Por isso, a discussão sobre o trabalho como modelo para práxis social se tornou uma via para busca dos fundamentos concernentes ao objeto de estudo da presente pesquisa. Porém, precisamos compreender como tais aspectos são dominados pelos seres humanos (sociedade), que é a tarefa do nosso próximo e último tópico do capítulo.

3.3 Notas acerca da relação-sujeito-objeto no trabalho e suas consequências

Seguir a organização dos manuscritos de Lukács nos oferece uma ajuda, na medida em que vamos avançando de acordo com a progressão expositiva do próprio autor, na parte sistemática da *Ontologia*. Colocaremos em enfoque as páginas 87 a 94 para concretizar mais um dos elementos para o nosso objeto de estudo, a análise sobre o pronunciado distanciamento pela linguagem; em que o tempo natural é dividido pela linguagem. Vejamos alguns dos caracteres desse movimento analítico.

O filósofo de Budapeste comenta que o sujeito quando fala, as suas enunciações são sempre sobre algo determinado. Faz isso em um duplo sentido: 1) põe como um objeto independentemente existente; e 2) empenha em tornar nítido o respectivo objeto enquanto concreto. Já o aprofundamento das considerações sobre o elemento inicial possibilita operar com plena validade em conexões inteiramente outras; isto é, o representado, no âmbito linguístico, é separado dos objetos a que se refere, concomitantemente, do sujeito que o expressa.

Com isso, viabiliza uma expressão intelectual para todo um grupo de fenômenos determinados que, em conexões completamente diferentes, podem figurar em modo similar por variados outros grupos de pessoas. Portanto, ocorre que, na posição simultânea de sujeito e objeto no trabalho, há um “espaço” do objeto do sujeito e vice-versa, aquele de seu conceito. Tendencialmente, como consequência desse recurso, é possível, pela primeira vez, uma compreensão dos objetos e seu domínio pelos seres humanos.

A distância intelectual do objeto pela linguagem torna pronunciável o real distanciamento entre o sujeito e aquilo de que ele fala; como também pode ser fixado o possível

patrimônio comum de uma sociedade. Para exemplificar, Lukács (2018b, p. 89) põe em evidência: “[...] o suceder temporal das diferentes operações, suas mediações correspondentes à essência das coisas (sequência, pausa etc.) seria impossível que pudesse alcançar uma exequibilidade social [...] sem uma inequívoca divisão do tempo na linguagem [...]”.

Para que essa estrutura possa funcionar se opera, tanto pelo trabalho quanto pela linguagem, um salto do ser natural para o ser social. Podemos dizer que na transformação da natureza, o ser humano que trabalha também se transforma, no âmbito interior, sendo que a questão central dela é o domínio consciente de si próprio, sobre o corpo.

Concerne a um movimento intensivo e extensivo, pois a finalidade, na consciência é anterior a sua realização material, abrange outros aspectos no ser humano que trabalha, tais como planejar antecipadamente cada um de seus movimentos e checar ininterrupta, criticamente, conscientemente a realização de seu plano, caso deseje alcançar em seu trabalho o concretamente ótimo possível, além do domínio sobre hábitos, instintos e afetos. Assim sendo, já essas exigências estão postas a todo tipo de trabalho, devendo marcar em demasia as representações da pessoa concernente a si.

Mesmo no trabalho mais originário emerge uma nova qualidade, uma vez que a consciência humana cessa de ser um epifenômeno na esfera do biológico, dizendo respeito a um fenômeno, que se constitui em um momento essencial, um elemento ativo, do ser social nascente; realiza um afastamento da barreira natural, já que não é possível a completa superação dela. Por isso, Lukács (2018b, p. 90) diz: “[...] esta nova função da consciência desempenha aqui, como portadora das posições teleológicas da práxis, um papel altamente significativo.”

Vimos que pela linguagem se tem um distanciamento entre sujeito e objeto. Ela divide os aspectos naturais, por exemplo, o tempo. Aparece como a ferramenta da consciência, esta aventa ser independente da materialidade do corpo. Contudo, o presente estado de fato permite realçar que se tem um ontológico-objetivamente inexorável unidade, a impossibilidade do ser da consciência sem o simultâneo ser do corpo. Vale salientar que mesmo uma consciência tão segura da independência não pode trazer nenhuma prova para sua real existência de ser.

No entanto, coadunamos com o que Lukács (2018b, p. 93) argumenta sobre a fixação intelectual da independência da consciência. Ela, quando pensa ser independente do corpo, não espera para se colocar como um ser diferente em relação a materialidade corporal; na sua concepção enquanto fenômeno (ver o Quadro 5 para minúcias analíticas do filósofo magiar).

Quadro 5 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 93) relacionados ao objeto estudado

Enfoque	Palavras diretas da obra
Fixação intelectual da consciência	[...] a independência ontológico-objetiva da >>alma<< para com o corpo baseia-se, de fato, em uma aceitação infundada, em uma consideração isoladora, falsamente abstrativa, do processo como um todo [...];
	[...] o agir independente da consciência, a espécie de essência das posições teleológicas que dele parte, o controle consciente de sua execução etc. são fatos objetivos da ontologia e do ser social.
	Quando, portanto, a consciência apreende sua própria independência do corpo como uma verdade ontologicamente absoluta, não se equivoca na imediata fixação intelectual do fenômeno, [...] contudo [...] considera o modo de manifestação [...] como direta e adequadamente fundado na própria coisa.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos passar para a discussão sobre o sentido da vida e a conexão com a respectiva estrutura da formação social, ou seja, o processo histórico e a influência da estrutura social no presente, nas páginas 94 a 97, uma análise em que o trabalho aparece como modelo no que tange a independência da consciência em relação ao corpo.

Enfocamos que somente no ser social pode haver uma consideração concernente a tal categoria, de ser humano para o seu igual, a qual demonstra o crescente domínio da consciência sobre a própria pessoa, uma vez que na esfera orgânica ela absolutamente não pode aparecer, nem como negação de sentido. Dessa forma, no processo de complexificação do ser social é que o ser humano pode atribuir a sua vida individual sentido positivo ou negativo, bem como emergir como um problema em geral.

Por assim ser, temos: 1) “[...] um mais amplo aprofundamento do considerar independente da >>alma<<, a partir de agora expressamente não apenas do corpo, mas também ante os próprios afetos espontâneos.” e 2) “Os fatos imodificáveis da vida, antes de tudo a morte, a própria, assim como a dos outros, faz da consciência desse sentido uma realidade socialmente crível.” (Lukács, 2018b, p. 94).

Da abertura proporcionada por esse estado de coisa, mesmo que via teleologia da vida cotidiana, espontaneamente projetada no mundo externo, que auxilia a elaboração de uma ontologia fictícia sobre sistemas ontológicos na qual o sentido da vida singular se manifesta como parte, como momento, de uma obra de redenção teleologicamente mundial, deve ser visualizada a vontade de preservar a integridade plena de sentido da personalidade.

O fato fulcral se refere à observação das conquistas humanas viabilizada pelo trabalho, em que Lukács (2018b, p. 95) realça que: “[...] tanto o domínio sobre as forças naturais, de outro modo indomináveis, pelo qual a magia se esforça, tanto quanto as visões

religiosas acerca de deuses criadores, por último, tomam por base o trabalho humano como modelo.”

Com o avançar da exposição, o filósofo magiar, depois de insistir em centralizar no trabalho a independência da consciência para com o corpo, na medida em que não deduz as visões posteriores mais complicadas do tal complexo, ressalva que: “Quando ele, em diferentes estágios de desenvolvimento, em diferentes situações de classe, se expressar muito diferentemente, estas diferenciações, com frequência contrapostas, do respectivo conteúdo seguem a respectiva estrutura da respectiva formação social.” (Lukács, 2018b, p. 96).

Conseguimos extrair do entrelaçamento realizado pelo autor o materialismo histórico, o materialismo dialético e a consideração acerca do presente, já que deve ser levado em conta no momento o respectivo conteúdo relacionado a estrutura social e sua história, para que se faça a apreensão das diferentes etapas do processo irreversível do ser, especificamente do ser social:

O domínio da consciência que põe finalidades sobre o restante do ser humano, antes de tudo sobre o seu próprio corpo, e o comportamento crítico-distante conquistado da consciência humana para com a própria pessoa, deixa-se acompanhar, ainda que em formas sempre mutáveis, com conteúdos novos, sempre diferenciados, através da história da humanidade. E sua origem repousa, sem dúvida, no trabalho. Cujas análises indubitavelmente conduzem de si próprio a este grupo de fenômenos, enquanto todas as outras tentativas de esclarecimento, sem o saber, pressupõem as autoexperiências do ser humano surgidas através do trabalho. (Lukács, 2018b, p. 95).

Encaminhamos para uma nova roda de aproximações ao sair do que o filósofo de Budapeste expôs da questão se a interpretação da independência da >>alma<<, a consciência, passa por uma via terrena ou transcendental, que não é deduzível de sua origem. Após comentar sobre a base terrena para a magia, as características de beatitude e danação, de trazer a visão oposta de Max Weber, para os heróis guerreiros, acerca de um além que parece ignóbil e indigno, de Dante e Maquiavel, ele aponta: “Uma tal variedade, que é apenas um pequeno recorte do realizado no ser social, requer naturalmente em cada figura histórica um esclarecimento particular.” (Lukács, 2018b, p. 97).

Logo em seguida enfatiza:

Isto não exclui, contudo, que nenhuma dessas figuras poderia tornar-se real sem aquela separação ontológica de consciência e corpo que obteve no trabalho sua primeira função dominante geral, fundamental e fundante do mais complicado. Nisso – e apenas nisso – pode ser procurada e encontrada a gênese ontológica dos complicados fenômenos sociais posteriores. (Lukács, 2018b, p. 97).

Lukács (2018b) propõe expor como a partir do trabalho emerge a categoria da liberdade. Seu ponto de partida é o caráter de alternativa da posição de finalidade da estrutura originária. Na primeira aproximação ele diz: “[...] a liberdade é aquele ato de consciência de cujo resultado emerge um novo ser por ele posto.” (Lukács, 2018b, p. 97).

Em primeiro lugar, sua base consiste em uma decisão concreta entre variadas possibilidades concretas. Em segundo, é um querer transformar a realidade (preservação da existência dada em si) que ela como finalidade da transformação deve permanecer preservada mesmo na abstração ampla. Esse estado de fato se aplica para aquela transformação da consciência de outro ser humano ou de sua própria.

Existe um amplo círculo de posições de finalidades reais, porém, em cada caso singular, um limite determinável, pois “[...] Enquanto determinação do ser humano que vive e atua socialmente na sociedade, a liberdade não é jamais completamente sem determinação.” (Lukács, 2018b, p. 99).

Para que fique evidente ele reforça: “[...] no trabalho mais simples já adentram certos pontos nodais das decisões, e aqui a resolução que pode surgir uma direção e não outra pode causar um >>período de consequências<< em que o espaço de manobra da decisão pode se tornar extremamente limitado e, sob circunstâncias, praticamente mesmo nulo.” (Lukács, 2018b, p. 99).

Um elemento dessa análise permite notar o momento de consideração da respectiva estrutura da sociedade e sua história, no agir do indivíduo da alternativa, que é o necessário desconhecimento das consequências, ou, ao menos, de uma parte de suas consequências. Há oposição: uma alternativa proporcionada pela posição de finalidade (causalidade posta) e não um evento natural determinado por uma pura causalidade espontânea.

Por isso, entra em cena o trabalho como mero produtor de valores de uso. Levando-se em conta que o sujeito que põe as alternativas (metabolismo do ser humano com a natureza) é meramente determinado pelas suas necessidades e pelas determinabilidades naturais de seu objeto. Aqui, o conhecimento objetivo adequado da matéria e dos procedimentos é significativo para o processo de realização efetivo. Com base nisso, apontamos: “[...] quanto maior o conhecimento adequado das cadeias causais operantes em cada caso, tanto mais adequadamente elas podem ser transformadas em postas, quanto mais seguro é o domínio do sujeito sobre elas, *i. e.*, a sua liberdade aqui alcançável.”

No entanto, Lukács (2018b, p. 101) faz uma ressalva para a liberdade se conectar com a concreticidade da realidade: “[...] um determinado campo de força das decisões no interior de um complexo social concreto no qual são operantes, simultaneamente, tanto

objetividades e forças naturais quanto sociais. Uma verdade ontológica apenas pode possuir, portanto, esta totalidade concreta.”

Além disso, no mesmo parágrafo, a) “[...] tem de decisivamente permanecer o momento do domínio da natureza, mesmo que por um amplo afastamento da barreira natural.” e b) “O livre movimento na matéria é e permanece o momento predominante para a liberdade, tanto quanto esta alcança validade para as alternativas de trabalho.”

Temos, com isso, a prevalência nesse complexo uma inter-relação indivisível entre determinabilidade e liberdade. Aquela entendida como conexidade ontológica de propriedade e possibilidade, em que para o trabalho se pressupõe que o ser humano reconheça a adequabilidade de determinadas propriedades de um objeto para sua posição de finalidade, ou seja, “[...] propriedades têm de ser, de fato, objetivamente existentes, pertencer ao ser do objeto considerado, contudo elas permanecem na maior parte das vezes latentes no ser natural, meras possibilidades.” (Lukács, 2018b, p. 106).

Ao se considerar assim, temos “[...] uma possibilidade latente que, sem o processo de trabalho permanece eternamente latente, eleva-se pelo trabalho conscientemente à esfera da realidade.” (Lukács, 2018b, p. 106).

As consequências para os sujeitos que trabalham, da sua transformação, devem também ser colocadas em foco, uma vez que: “Apenas através do trabalho eles se tornam, de meras possibilidades, habilidades, no qual um desenvolvimento constante permite amadurecer sempre novas possibilidades no ser humano em realidades.” (Lukács, 2018b, p. 106).

Mais uma vez o filósofo de Budapeste necessita fincar sua exposição na concreticidade da realidade, sobre ela Lukács (2018b, p. 105) assim aponta: “[...] compreendemos a realidade nunca como simplesmente uma das categorias modais, mas como a encarnação ontológica de sua real totalidade.”

Juntamos ao mote exposto, por isso, o acaso. Toda posição de finalidade tem de levá-lo em consideração. Ele pode atuar tanto de forma positiva quanto negativa. Depois de comentar sobre a categoria relacionada ao trabalho (por um lado, a intenção de evitar, compensar, neutralizar as eventuais consequências do acaso desfavorável; por outro lado, a constelação casual é capaz de intensificar a produtividade do trabalho), Lukács (2018b) utiliza a arte de Rafael como exemplo para ilustrar os dois sentidos: no primeiro se refere a Estância, em que as janelas atuaram como desfavoráveis à composição pictórica, todavia, elas já estavam lá antes do projeto do artista. No segundo, em sentido positivo, ele conseguiu se valer do desfavorável das circunstâncias em arranjos espaciais únicos, altamente originais e profundamente convincentes, no Parnaso em Libertação de São Pedro.

É realizada uma digressão pelo autor do tema da liberdade, mas que nos serve, pois deixa apreender a amplitude do materialismo histórico e do materialismo dialético, depois de comentar que as novas formas jamais podem ser conquistadas a partir das originárias, bem como as mais complicadas a partir das mais simples, por meio de uma dedução intelectual, Lukács (2018b, p. 110) faz um comentário salutar: “Não apenas seu respectivo modo de manifestação é determinado histórico-socialmente, mas também suas formas gerais, sua essência, é ligada a determinados patamares de desenvolvimento do desenvolvimento social.”

Faz isso considerando o trabalho mais simples, a estrutura originária dele. Inter-relaciona com a liberdade e a práxis social, por isso, diz: “[...] as determinações decisivas surgem geneticamente do processo de trabalho, que este [...] na questão da liberdade pode auxiliar também como modelo da práxis social.” (Lukács, 2018b, p. 110).

Podemos dizer que o filósofo magiar quando executa esse tipo de análise trata do devir, mas o liga com o porvir. Primeiro, ele capta os aspectos da estrutura originária do trabalho. Depois desse feito, aponta o que pode ser adotado dela. O Quadro 6 demonstra o percurso analítico do autor.

Quadro 6 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 110-111) entrelaçados ao objeto de estudo

Enfoque	Palavras diretas da obra
Caracteres da estrutura originária do trabalho	[...] surgem as diferenças decisivas, que o objeto e <i>medium</i> da realização na posição teleológica se tornam sempre mais sociais.
	[...] não significa, como sabemos, que seria perdida a base natural, apenas que aquele exclusivo ser-dirigido à natureza, que caracteriza o trabalho [...] é substituído por intenções que se tornam cada vez mais intensamente sociais e objetivamente mescladas.
	Se, portanto, nessas posições, a natureza até mesmo decai a momento, deve-se manter preservada ante ela o comportamento tornado necessário no trabalho.
	A isto se acresce um segundo momento. Os processos, situações etc. sociais são, por último, causados por decisões alternativas humanas;
	[...] não se pode jamais esquecer que estas só podem tornar-se socialmente relevantes quando colocam em andamento séries causais que se movem mais ou menos independentes das intenções de ser ser-posto, conforme suas próprias, suas imanescentes, legalidades.
Adoção para a práxis social da estrutura originária do trabalho	Que o ser humano que praticamente age na sociedade está aqui, portanto, ante uma segunda natureza para a qual ele imediatamente do mesmo modo que para com a primeira, <i>i.e.</i> , tem de tentar transformar, independentemente de sua consciência, o curso das coisas em um curso posto, deve imprimir a este, pelo conhecimento de sua essência, o por ele deliberado.
	Isso é, no mínimo, o que toda práxis social razoável deve adotar da estrutura originária do trabalho.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os momentos finais do percurso expositivo do filósofo de Budapeste nos fornecem mais elementos aproximativos que entrelaçam devir e porvir, em suma, a história. Para tanto, realçamos que, mesmo na ocasião do tratamento do valor e do comportamento ético, é possível

retirar caracteres fundamentais para nossa análise. A continuidade daqueles valores que permanece, pereniza e se preserva ao longo do tempo. Além disso, ajuda na explicação do agir baseado em decisões subjetivas, mas que afinal de contas o que está em voga é a objetividade social dos valores para elas. Sendo assim, a visualização dos fatos no tempo ocorre mediante a sua socio-objetividade. A observação do Quadro 7 fornece mais detalhes.

Quadro 7 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 113-114) concernentes a elementos aproximativos do devir e do porvir relacionados ao objeto de estudo

Enfoque	Palavras diretas da obra
Base de reconhecimento do comportamento ético	[...] que a realidade ontológica do comportamento ético etc. de maneira alguma quer dizer que o reconhecimento de sua realidade poderia esgotar sua essência.
	Ao contrário. Sua realidade social se baseia em, não por último, com quais valores que crescem do desenvolvimento social está realmente enlaçada, como realmente se conecta com os seus permanecer-preservar, perenizar etc.
Decisões alternativas subjetivas	Deve-se, portanto, [...] atentar a que o aqui manifesto crescente significado das decisões subjetivas nas alternativas é primariamente um fenômeno social.
	[...] o próprio processo objetivo coloca tarefas como resultado desse desenvolvimento ascendente que, apenas através desse significado crescente das resoluções subjetivas, podem ser colocadas e mantidas em andamento.
A objetividade social dos valores para com a decisão alternativa subjetiva	Contudo, todas as valorações que alcançam validade em tais decisões subjetivas estão ancoradas na objetividade social dos valores, em seus significados para o desenvolvimento objetivo da humanidade e tanto sua valorosidade ou avessidade-ao-valor quanto a intensidade e duração de seu efeito são, por último, resultados desse processo sócio-objetivo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao versar sobre a atualização histórico-social, que engendre também novos complexos de problemas qualitativamente, inteiramente novos, pode ser um local de visualização de sua compreensão acerca da apreensão da história, isto é, em sua crítica aos sujeitos que se surpreendem com tal fato: “[...] pode surpreender apenas aquelas que não apreendem a história como realidade ontológica do ser social [...]” (Lukács, 2018b, p. 114).

Para finalizar, voltamos para a inter-relação de devir e porvir, em como o ser humano se produz como gênero através do trabalho, e em que medida essa categoria deve ser visualizada como modelo para a liberdade. Independe do nível de consciência do sujeito que trabalha a produção do seu ser genérico. É no trabalho que ele se produz a si mesmo como humano, ou seja, o próprio gênero de que faz parte. Nesse processo de fazer-se humano pelo trabalho ocorre o autodomínio consciente, que é o real caminho para a liberdade. Com base nisso, tomando esse elemento do trabalho inicial, podemos conceber um modelo de toda liberdade. O Quadro 8 possibilita captar a argumentação do filósofo de Budapeste com mais precisão.

Quadro 8 – Excertos textuais de Lukács (2018b, p. 115-116) relacionados ao objeto de estudo

Enfoque	Palavras diretas da obra
Fazer-se humano pelo trabalho	Independentemente de quão consciente seja o executor do trabalho, produz neste processo a ele próprio como membro do gênero humano e, com isso, o próprio gênero humano.
	[...] o caminho, pleno de luta, da autoultrapassagem da determinabilidade do instinto natural até o autodomínio consciente é o único caminho real para a real liberdade humana.
	[...] é a luta pelo domínio de si próprio, sobre a própria essência originária, meramente biológica, um ato de liberdade, um fundamento da liberdade para a vida do ser humano.
O trabalho como modelo para toda liberdade	[...] a ultrapassagem da mudez meramente orgânica do gênero humano que se forma em essência social [...] é o mesmo ato do surgimento da liberdade.
	Que a liberdade conseguida no trabalho originário teve de ser uma liberdade ainda primitiva, limitada, nada altera no fato de que a liberdade espiritual e mais elevada deva ser conquistada com os mesmos métodos que no trabalho inicial [...].
	[...] seu resultado [...], por último possui o mesmo conteúdo: o domínio, pelo indivíduo genérico, sobre sua mera singularidade particular, meramente biológica.
	Nesse sentido, cremos, o trabalho pode realmente ser compreendido como modelo de toda liberdade.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante do exposto, acompanhamos o caminho expositivo do filósofo de Budapeste, concernente a sua abstração razoável sobre o trabalho. Concomitantemente, apreendemos as diversas inter-relações com o tempo, a história, além de outras categorias. Essas notas aproximativas nos permitirão fazer mais alguns comentários à guisa de considerações finais, à medida que abrirá lacunas para próximos estudos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último projeto de Lukács é um campo aberto, que suscita uma ciência pedestre e apego constante ao estudo, pois a base marxista deve ser conquistada dia a dia, a cada hora. Percorremos as vias de divulgação de seu pensamento, os diferentes estudos desenvolvidos no Brasil até conectá-los ao presente estudo, bem como as apresentações dos seus resultados pelo próprio autor, tais como texto para conferência e entrevistas, que entrelaçamos com a parte histórica. Depois disso, fomos lado a lado com a exposição do primeiro capítulo da parte sistemática da *Ontologia*. O que, por sua vez, oportunizou uma gama de elementos para a discussão sobre tempo, por extensão para a teoria e filosofia da história.

O propósito de Lukács é elaborar uma ontologia marxista que seja capaz de determinar mais concretamente a unidade do materialismo histórico e do materialismo dialético. Em resumo, uma concepção de base historicista e sistemática, mas sem cair no relativismo e sem ser infiel a história.

É enunciado o papel que o ser humano teve no desenvolvimento histórico/transformação do mundo. Desse ponto se faz possível reconstituir intelectualmente processos irreversíveis do desenvolvimento do ser em que a consciência diz respeito a um produto tardio do desenvolvimento da matéria, que necessita ser levada em consideração na (auto)ultrapassagem de um estágio histórico a outro. A consciência precisa entrar na rota da problemática entorno da relação entre reino da liberdade e da necessidade, sendo um dos componentes essenciais do trabalho. Esse se manifesta como a mediação – como produtor de valor de uso –, do devir-humano do ser humano, e pode ser encarado como modelo da práxis humana.

Da argumentação geral, afunilamos para a definição de história como a interpretação e a compreensão de processos irreversíveis. Em que, por um lado, tudo depende de atos teleológicos. Por outro, o processo irreversível desenvolvimento global forma o contexto desses atos; que deve se basear nas respostas objetivas dadas pelo ser humano ao longo do tempo; em que as categorias são formas de ser, determinação da existência, sem a dependência da consciência para existir.

Seguir a forma expositiva adotada no capítulo do trabalho nos deu uma decidida ajuda. Dela, visualizamos o salto qualitativo, ontológico, no ser, em que a essência dele é a ruptura na continuidade normal do desenvolvimento ascendente, no qual avançamos na compreensão naquele enunciado de que tudo depende de atos teleológicos e o processo irreversível concerne ao seu contexto.

Passamos por categorias ditas inconciliáveis, teleologia e causalidade, em como o trabalho proporciona homogeneização dela, sem deixarem de ser heterogêneas. Desse momento, foi possível observar a gênese da ciência, a pesquisa dos meios, a qual fornece elemento com maior duração do que a satisfação da necessidade que direcionou a ação do ser humano. A fixação nos resultados do processo de trabalho, da continuidade da experiência do trabalho.

Direcionamos atenção ao reflexo, no como a partir dele o ser humano medeia intensiva e extensivamente o seu desenvolvimento espiritual. A realização, a alternativa, o domínio consciente sobre os instintos desempenharam uma importância fundamental. Em suma, podemos dizer que, enquanto produtor de valores de uso, o trabalho se refere a um veículo para a autocriação do ser humano como ser humano em duas vias: biológica, é ele o produto do desenvolvimento natural; b) com a sua autorrealização – afastamento da barreira natural – ele adentra o ser humano em um novo autofundado ser: no social.

Com base nisso, o público que atua com a história pode ter certos caracteres para a compreender, a interpretar e a escrever. Todavia, precisamos tecer mais fios dos momentos do processo de trabalho, de seus resultados e a conexão com o nosso objeto de estudo. A categoria trabalho foi colocada como modelo da práxis social. Dele extraímos variados aspectos que são de significativa relevância. O distanciamento entre objeto (causalidade) e sujeito (teleologia), na sua conexidade inseparável, em que se reflete e se realiza no complexo da execução do trabalho.

A partir da práxis determinada pelo dever foi possível observar que a teleologia (na consciência) é orientada pelo futuro, o qual necessita reconhecer certas cadeias causais para trazer à vida a finalidade posta. Daqui surge transformações que não são naturais, mas postas pelo sujeito que trabalha. Podemos dizer: inter-relação entre dever e reflexo da realidade, possibilidades/alternativa enquanto *dynamis* aristotélica, transformação da natureza e no interior do ser humano, em síntese, domínio e autodomínio de quem trabalha, mas que se tornam realidades sociais dependendo do respectivo desenvolvimento concreto da sociedade, que se deixa conceber adequadamente, em suas determinações concretas, somente *post festum*.

Nessa parte da exposição em que o autor discute dever e valor, as dimensões do tempo estão ligadas as esferas de ser: orgânica é determinada pelo passado/causalidade espontânea e a social pela finalidade posta/causalidade posta, pelo futuro. Somado a isso, a sua concepção sobre substância estabelece o ser como parte movente e movida – o que, na eterna mudança das coisas, mudando-se a si própria, é capaz de se preservar em sua continuidade –,

por exemplo, o ser do ser social se preserva enquanto substância no processo de reprodução. Que depende do *hic et nunc* histórico-social.

O valor primeiramente pode ser mantido pela via oral, mas devido a dinâmica de cada *hic et nunc*, ou das necessidades do presente, decidem se e como a alternativa fixada será interpretada. Ou seja, o valor se sobrepõe à verdade histórica – o que não significa menosprezo pelo conhecimento histórico –, por isso, a demasiada importância de uma ética materialista para o público em geral porque se liga às tendências de atuação sobre teleologia secundária; fazer com que outros seres humanos hajam sob influência de outrem.

Disso surge a linguagem – consequência da relação sujeito-objeto –, cuja função é tornar comunicável algo que um ser humano anseia falar para outro. Aquele sempre fala sobre “algo” determinado extraído de sua existência imediata em um duplo sentido: por um lado, é posto como objeto independentemente existente; por outro lado, empenhado em tornar nítido o respectivo objeto enquanto concreto. Vale dizer que depois disso tal complexo permite conexões inteiramente outras.

A distância intelectual do objeto pela linguagem faz pronunciável o real distanciamento, como também torna fixável o patrimônio comum de uma sociedade. Um exemplo salutar é a divisão do tempo por esse complexo. Assim sendo, na posição simultânea de sujeito e objeto no trabalho, há um “espaço” do objeto do sujeito, o de seu conceito, em que, pela primeira vez, tendencialmente se torna possível uma compreensão dos objetos e seu domínio pelos seres humanos.

Um movimento intensivo e extensivo, que se refere a variados aspectos do ser humano que trabalha, já que a finalidade, na consciência, é anterior a sua realização material, como planejar antecipadamente cada um de seus passos e checar ininterrupta, crítica e conscientemente a realização de seu plano, no intuito de alcançar em seu trabalho o ótimo possível, por extensão, o domínio sobre seus hábitos, instintos e afetos. Esse estado de coisas diz respeito a uma das vias de ampliação da interioridade, da pronúncia da “alma”, do “espírito”.

Tomando o trabalho como modelo da práxis social faz viável se versar sobre liberdade, na medida em que entra em consideração alternativas concretas diante de propriedades e possibilidades latentes. Isso é o que deve ser tomado da estrutura originária do trabalho, isto é, o que toda práxis social razoável deve adotar. Conseguimos relacionar devir e porvir em um amálgama verificável *post festum*, sempre retrospectivamente. Dessa base apontar tendências de possíveis desenvolvimentos.

Precisamos em novas oportunidades relacionar nossos achados com as diferentes teorias da história, especialmente contrastando-os, para ficar evidente as aproximações e distanciamentos aos diversos teóricos da área. Essa é uma tarefa a ser desenvolvida a contento nos próximos anos e nos estudos futuros. Por ora, o presente estudo pode ser utilizado como base, à medida que o público pode confirmar, refutar e/ou acrescentar mais elementos sobre a *Ontologia* e a sua relação com a teoria da história, a formação humana e o papel dos docentes no trato teórico, bem como no processo de ensino-aprendizagem.

Entendendo o ser como parte movente e movida, em que o ser do ser social se mantém na reprodução, sem a naturalização de nenhuma categoria, evocamos uma teoria da história que toma em consideração o materialismo histórico e o materialismo dialético, que põe o conhecimento à serviço da classe trabalhadora. Por isso, abaixo à ciência manipulada a favor do Capital, da propriedade privada, do misticismo, ou como diria Lukács a nova dupla verdade, a científica e a metafísica, em que a religião pode preencher o espaço de manobra à sua vontade e possibilidade para questões ontológicas fulcrais.

Apeguemo-nos à ciência fundamental: a história. Por isso, perguntamos: como os nossos resultados podem se aproximar ou distanciar das teorias sobre esse campo? Existe alguma aplicação dessa base na educação básica, especialmente em escolas de ensino médio? Há formação docente que englobe os aspectos apontados nesse estudo? Ou parte deles? O fato de não responder a todas essas e outras questões nos impulsiona para frente: para continuar estudando.

REFERÊNCIAS

BELMINO, Webster Gerreiro. **Um estudo ontomaterialista sobre a função social das Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará**. 2020. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2020.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? 1. ed. São Paulo: Autônoma Literária, 2020.

GIANNA, Sergio Daniel. **Ideologia, ciência e filosofia**: unidade e diferença no pensamento de Lukács e Mészáros. Tradução: Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2021. 160p.

KONDER, Leandro. **Lukács**. Rio Grande do Sul: L&PM, 1980.

LESSA, Sergio. **4 ensaios**: Lukács e a ontologia. Maceió: Coletivo Veredas, 2021.

LESSA, Sergio. Nota da tradução de Para a ontologia do ser social. *In*: LUKÁCS, Georg. **Aparato crítico 2018**: obras de Lukács volumes 13 e 14. Tradução de Sérgio Lessa. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

LESSA, Sergio. **Mundo dos homens**: trabalho na ontologia de Lukács. 3. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016a.

LESSA, Sergio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016b.

LESSA, Sergio. **O revolucionário e o estudo**: por que não estudamos? São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

LIMA, Martean. **Lukács**: trajetória e concepção de alienação. Maceió: Coletivo Veredas, 2020.

LOPES, Adriano Jorge Torres. **Trabalho, educação e sociedades hominínias na gênese do ser social**: contribuições da ontologia marxiana para a formação de professores. 2018. 134 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social**. (Vol. 14). Edição bilíngue; tradução de Sérgio Lessa e revisão de Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

LUKÁCS, Georg. **Prolegômenos e para a ontologia do ser social**. (Vol. 13). Edição bilíngue; tradução de Sérgio Lessa e revisão de Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.

LUKÁCS, Georg. **Notas para uma ética = Versuche zu einer ethik**. Ed. bilíngue. Tradução Sérgio Lessa. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução de Nélcio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. Tradução de Lya Luft e Ridnei Nascimento; supervisão editorial de Ester Vaisman. São Paulo: Boitempo, 2010a.

LUKÁCS, G. Meu caminho para Marx. **Verinotio**, [S. l.], n. 12, Ano VI, p. 13-20, out. 2010b. Disponível em: <<https://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/101/91>>. Acesso em: 28 out. 2024.

LUKÁCS, G. Der Spiegel entrevista o filósofo Lukács. **Verinotio**, [S. l.], n. 9, Ano V, p. 333-350, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/264/252>>. Acesso em: 25 out. 2024.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução: NASCIMENTO, Rodnei. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Revista Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, n.1, v. 2, p. 1-18, out. 1978. Disponível em: <<https://beneweb.com.br/resources/As%20bases%20ontol%C3%B3gicas%20do%20pensamento%20e%20da%20atividade%20do%20homem.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: atlas, 2003.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O dezoito brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2012.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a teoria da transição. Tradução de Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo: 2011.

PAULO NETTO, José. Apresentação de Para ontologia do ser social 1. In: LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social 1**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PAULO NETTO, José. Introdução. *In*: PAULO NETTO, José (org). **Georg Lukács: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1981.

PAULO NETTO, José. **Georg Lukács: O guerreiro sem repouso**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTOS, José Deribaldo Gomes dos. Dualidade e dicotomia educativa na escola classista. *In*: NOVAES, Henrique Tahan; LIMA FILHO, Domingos Leite; SANTOS, José Deribaldo Gomes dos (org.). **Educação profissional no Brasil do século XXI: políticas, críticas e perspectivas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. v. 3. p. 71-92.

SANTOS, Deribaldo. **Princípios básicos da grande estética de Lukács**. 1. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2023.

SANTOS, Deribaldo; BELMINO, Webster; AMARAL, George. **Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará: entre o discurso e a realidade**. São Paulo: Lutas Anticapital, 2023.

SANTOS, Deribaldo. **A ética na grande estética de Lukács: a arte como unanimidade anônima**. São Paulo: Lutas Anticapital, 2021.

SANTOS, Deribaldo. **Educação profissional: crise e precarização**. São Paulo: Lutas Anticapital, 2019.

SANTOS, Deribaldo. **Estética em Lukács: a criação de um mundo para chamar de seu**. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

SANTOS, Deribaldo. **Educação e precarização profissionalizante: crítica à integração da escola com o mercado**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SANTOS, Deribaldo. **A particularidade na estética de Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SOBRAL, Karine Martins. **A natureza onto-histórica do princípio educativo: uma análise com base nas contribuições de Gramsci e Lukács**. 2021. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza, 2021.

TEIXEIRA, Janaira Fernandes. **Maria Susana Vasconcelos Jimenez: um estudo onto-biográfico**. Dissertação (Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino) – Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Fortaleza, 2024.

TERTULIAN, N. O grande projeto da Ética. **Verinotio**, [S. l.], n. 12, Ano VI, p. 21-29, out. 2010. Disponível em: <<https://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/104>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

TONET, Ivo. A formação de professores e a possibilidade da emancipação humana. *In*: RABELO, Jackline; SANTOS, Deribaldo; ARAUJO, Adéle Cristina Braga. **Trabalho, estética e formação humana**. Fortaleza: EdUECE, 2019. cap. 1, p. 12-21.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. 2. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

VAISMAN, E. A obra tardia de Lukács e os revezes de seu itinerário intelectual. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 247-249, jan. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/TZcmMH6mSzPfgqW5YmKJVkz/>>. Acesso em: 20 out. 2024.